



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROFISSIONAL EM DANÇA

IARA SALES AGRA

# QUE (ME) FAÇA MOVER: TRANSMUTAÇÕES ENTRE COREOGRAFIA DO CORPO E COREOGRAFIA DA IMAGEM



SALVADOR - BAHIA  
2025

Fotografia: Rogério Alves

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)  
Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC)

---

A277q Agra, Iara Sales.  
Que (me) faça mover: [recurso eletrônico] transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem / Iara Sales Agra. – dados eletrônicos. 2025.  
51 f. : il. Color.

Orientação: Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães  
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Dança (PRODAN). Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança, Salvador, 2025.  
Disponível em formato digital, modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br>

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Dança. 3. Coreografia. 4. Corpo como suporte da arte. 5. Performance (Arte). I. Guimarães, Daniela Bemfica. II. Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança. III. Título.

CDU: 793.3

---

Responsável pela Elaboração – Bibliotecária Renata Souza (CRB-5/1716 )  
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via correio eletrônico)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROFISSIONAL EM DANÇA

IARA SALES AGRA

**QUE  
(ME)  
FAÇA  
MOVER:** TRANSMUTAÇÕES  
ENTRE  
COREOGRAFIA  
DO CORPO E  
COREOGRAFIA  
DA IMAGEM

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
APRESENTADO AO PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA,  
DA ESCOLA DE DANÇA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA, EM CUMPRIMENTO AOS  
REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRA EM DANÇA.

ORIENTADORA:  
PROF<sup>ª</sup>. DRA. DANIELA BEMFICA GUIMARÃES  
(PRODAN/UFBA)

BANCA EXAMINADORA:  
PROF<sup>º</sup> DR. LUCAS VALENTIM ROCHA  
(PARTICIPANTE INTERNO - PRODAN/UFBA)  
PROF<sup>ª</sup>. DRA. LIA KRUCKEN PEREIRA  
(PARTICIPANTE EXTERNA - PPGAV/ UFBA)

SALVADOR - BAHIA  
2025

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



## ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA – PRODAN

Aos vinte e nove dias do mês de maio de dois mil e vinte e cinco, às 17h, no Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC), foi realizada a **Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Dança da UFBA de IARA SALES AGRA** intitulado “**Que (me) faça mover: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem**”, com a presença da Banca de Avaliação composta por: Professora Doutora Daniela Bemfica Guimarães, orientadora, docente do PRODAN/UFBA e presidente da banca; Professor Doutor Lucas Valentim Rocha, participante interno, docente do PRODAN/UFBA; e a Professora Doutora Lia Krucken Pereira, participante externa, docente visitante do PPGAV/UFBA. Dando sequência à abertura, a mestranda fez a exposição do seu trabalho e, em prosseguimento, cada membro da Banca procedeu à arguição em relação ao trabalho apresentado. Após a finalização dessa etapa, a banca reunida emitiu o parecer conjunto final e indica pela aprovação do trabalho, concluindo assim que **IARA SALES AGRA** está apta a receber o título de Mestra em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-UFBA. Ao final, lavrou-se a presente ata que será assinada pelos membros da Banca e a mestranda. Em 29 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente  
 **DANIELA BEMFICA GUIMARAES**  
Data: 06/06/2025 13:32:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 **IARA SALES AGRA**  
Data: 07/06/2025 12:05:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 **LIA KRUCKEN PEREIRA**  
Data: 16/06/2025 11:50:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 **LUCAS VALENTIM ROCHA**  
Data: 08/06/2025 19:02:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

# Agradecer .

**“MULHERES SÃO CONFUNDIDAS, NÃO CONFUSAS!”  
(CAROL HANISCH, 1969)**

Essa pesquisa de mestrado foi traçada entre idas e vindas, literais idas e vindas, deslocamentos, feita no entre, entre cidades, espaços, entre montanhas e mares, na fronteira, na distância, e até mesmo na ausência. Feita no entre e com muito apoio do filho, do companheiro, da mãe, da família, das amigas, amigos, amigues. Então, entre (m). Vocês pessoas queridas, sejam todas muito bem-vindas! (Ad)entre(m).

E agradeço de antemão, pois se tem algo que percebi (ou confirmei) ao longo desse processo é o quanto apoio e amor são fundamentais. “A maior herança que herdei do meu pai, é a qualidade de ter grandes e bons amigos”.

Agradeço ao universo e preciso agradecer primeiramente a Ernesto, meu sujeito e sobrenome, antes e depois é por ele, sempre por ele e com ele. Minha mãe, Isomar Sales, que me deu a vida e continua iluminando-a cotidianamente e que junto com Ernesto são os amores da minha vida. Meu companheiro Tonlin Cheng, que puxou o meu “balão vermelho” e ensinou a nutrir o meu alicerce. Meus irmãos Rodrigo Sales, Pedro Sales e Benjamim Ruschi, por apoiarem e admirarem sempre as minhas mudanças e conquistas. Meu pai, Walgrene Agra por me ensinar a jogar. Meu amigo Sérgio Andrade, que sempre acreditou. Meus padrinhos Tio Oscar e Tia Madalena e seus filhos Ieda, Márcia e Sérgio, sábios conselheiros. Minha sogra-mãe Cheng Dai Yon, por respeitar minhas escolhas.

Minhas amigas/companheiras(os), Sofia Correia, Harumi Matsumiya, Alessandra Guimarães, Janahína Cavalcante, Mariana Gottschalk e Ridson Reis, Moara Chaar, Milena Mariz, Tiago Pinto Ribeiro (ti.pi.ri), Ana Clara Veras, Maju Passos, Marcelo Galvão, Iara Campos, as Lobas, Joelma Santos e Aila Peterhans, pelo abrigo - teto e - coração.

Às parceiras da Coletiva Mãe Artista, em especial Rafaela Kalaffa, Cecília Carvalho, Janahina Cavalcante e JoCarla, e à Diane Portella e Léo Vieira por participarem do inventariado com tanto afeto e afincos. Minhas colegas do PRODAN que se tornaram amigas, Mirela França, Marina Morais e Janaína Lobo. Que sorte a nossa.

Minha orientadora Dani Guimarães, pela (des)orientação sempre tão animada, empolgada, criativa e parceira nas boas ideias e invenções. Professora Lia Krucken por abrir os caminhos no fabuloso mundo do livro de artista, por todo “ual” e vibração positiva.

Minhas/meus mestres, professores e colegas Beth Rangel, Isabelle Cordeiro, Lucas Valentim, Suki Villas-Bôas, Clécia Queiroz e Antrifo Sanches, alguns desde a graduação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, importante e necessária instituição. Agradeço por ter sido agraciada com uma bolsa de estudos, esse apoio foi fundamental para todo esse processo de pesquisa de mestrado. Ao Museu de Arte Contemporânea da Bahia - MAC e equipe, em especial à Daniel Rangel e Andrea May, pela parceria em ser casa para a defesa performada.

Só mesmo nesse emaranhado rizomático que conseguimos nutrir, criar, curar e realizar.

Sou grata!

A pesquisa **Que (me) faça mover**: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem foi desenvolvida no PRODAN/UFBA, na linha de pesquisa 1- Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança, com orientação da Professora Dra. Daniela Guimarães (UFBA). A partir dos seguintes questionamentos: Como transmutar o processo criativo em dança ao processo criativo em design? Como relacionar essas práticas? Como o design afeta a dança e a dança afeta o design? O corpo que produz design é inerte? Como essa co-implicação de práticas produz conhecimento? Investiga de maneira teórico-prática o trânsito entre os campos da Dança, a Arte da performance, Design gráfico/Artes Visuais (Livro de artista) e a Maternagem enquanto temática político-criativa. De natureza implicada, a pesquisa tem como procedimento metodológico de investigação a criação de um inventário, intitulado “Inventariado: ações para materialidades de um solo”, através do qual foi cumprido um ciclo de três laboratórios de investigação, onde aconteceram residência artística, caderno de criação, escrita performativa, laboratórios de criação corporal, leituras, levantamento de materiais, pesquisa de documentos (escrito, oral, visual e sonoro), entrevistas semi-estruturadas e cartografias. Alguns artistas e pesquisadores como: Regina José Galindo, Berna Reale, Amir Brito Cadôr, Paola Berenstein Jacques, Bell Hooks, Hélio Oiticica, Arthur Bispo do Rosário, Leonilson, Lygia Clark, Paulo Caldas, Paulo Bruscky, Sandra Bonomini, Jacques Derrida, Diana Taylor, Oyèrónké Oyèwùmí, Lia Krücken, Tiago P. Ribeiro, Tonlin Cheng, JoCarla, Rafaela Kalaffa, Janahina Cavalcante, entre tantos, foram referências de estudo e inspiração para o curso da pesquisa e da obra resultante. **Que (me) faça mover** acontece como confluência e amadurecimento da minha trajetória-pesquisa-atuação em curso ao longo de toda a minha experiência profissional, principalmente entre os campos da dança e do design e teve como resultado a materialização da Dança-exposição **Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas** (2024), uma série de ações complementares, oito pedaços-obra, que são uma só, uma instalação performada ou ainda um solo-dança-livro-manifesto, que move e faz mover.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Dança. Imagem. Maternagem. Livro de artista.

# RESUMO.

This research, **That (Makes) Me Move: Transmutations Between Body Choreography and Image Choreography**, was developed within the Graduate Program in Dance (PRODAN) at the Federal University of Bahia (UFBA), under Research Line 1 – Artistic Experiences, Production, and Management in Dance, and supervised by Professor Dr. Daniela Guimarães. The study stems from the following central questions: How can the creative process in dance be transmuted into the creative process in design? How can these practices be interconnected? In what ways does design influence dance, and dance influence design? Is the body that produces design inert? How does this co-implication of practices generate knowledge? Through a theoretical-practical approach, the research explores the intersections between the fields of Dance, Performance Art, Graphic Design/Visual Arts (with a focus on the artist's book), and Mothering as a political-creative theme. With an implicated methodology, the research was conducted through the development of an inventory entitled *Inventoried: Actions for the Materialities of a Solo*, which encompassed a cycle of three investigative laboratories. These included an artistic residency, creative journals, performative writing, body-based creation labs, readings, material gathering, document research (written, oral, visual, and auditory), semi-structured interviews, and cartographic practices. Several artists and scholars served as references and inspiration throughout the research process, including: Regina José Galindo, Berna Reale, Amir Brito Cadôr, Paola Berenstein Jacques, bell hooks, Hélio Oiticica, Arthur Bispo do Rosário, Leonilson, Lygia Clark, Paulo Caldas, Paulo Bruscky, Sandra Bonomini, Jacques Derrida, Diana Taylor, Oyèrónké Oyěwùmí, Lia Krücken, Tiago P. Ribeiro, Tonlin Cheng, JoCarla, Rafaela Kalaffa, and Janahina Cavalcante, among others. **That (Makes) Me Move** emerges as a confluence and maturation of the author's ongoing professional trajectory, research, and practice—especially in the fields of dance and design. As a result, the project culminated in the creation of the dance-exhibition **A Small Survival Manual for Artist Mothers** (2024), a series of interconnected actions and eight interdependent artwork-pieces forming a single whole: a performed installation, or rather, a dance-solo-book-manifesto that moves and sets in motion.

**KEYWORDS:** Body. Dance. Image. Mothering. Artist's Book.

ABSTRACT. ■

# Índice de imagens.

**Figura 1** – Fotografia da Dança-exposição Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas. Fonte: Rogério Alves. — **capa**;

**Figura 2** – Fotografia da Dança-exposição Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas. Fonte: Rogério Alves. — **09**;

**Figura 3** – Fotografia da Dança-exposição Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas. Fonte: Rogério Alves. — **10**;

**Figura 4** – Fotografia da apresentação no Congresso da UFBA 2023 (março 2023). Fonte: Daniela Guimarães. — **17**;

**Figuras 5,6 e 7** – Fotografias da apresentação no Congresso da UFBA 2023 (março 2023). Fonte: Daniela Guimarães.— **18**;

**Figuras 8,9, 10 e 11**– Fotografias da apresentação na Conferência Internacional Trançar (junho 2023). Fonte: Lineu Gabriel. — **19**;

**Figuras 12 e 13** – Fotografias da página de livro/publicação coletiva (2023). Fonte: Iara Sales. — **24**;

**Figuras 14,15 e 16** – Fotografias da apresentação de livro de artista falado, durante o componente "O avesso da página" (2023). Fonte: acervo pessoal/ divulgação. — **27**;

**Figuras 17,18, 19 e 20** – Fotografias da apresentação de livro de artista falado, durante o componente "O avesso da página" (2023). Fonte: acervo pessoal/ divulgação. — **28**;

**Figura 21** – Fotografia da apresentação de livro de artista falado, durante o componente "O avesso da página" (2023). Fonte: acervo pessoal/ divulgação. — **29**;

**Figura 22** – Fotografia da Dança-exposição Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas. Fonte: Rogério Alves. — **31**;

**Figuras 23 e 24** – Fotografias da 1ª exibição de vídeo e fotos performance da Coletiva Mãe Artista (2023). Fonte: Tonlin Cheng. — **35**;

**Figuras 25 e 26** – Fotografias da 2ª Residência Artística da Coletiva Mãe Artista (2023). Fonte: Tonlin Cheng. — **36**;

**Figuras 27 e 28** – Fotografias da Ação Lambe Cria Cria Lambe da Coletiva Mãe Artista (2023). Fonte: Tonlin Cheng. — **37**;

**Figura 29** – Imagem do Mapa mental (2023). Fonte: Iara Sales. — **38**;

**Figuras 30 e 31** – Imagens do exercício do Tutoriais para começar a mover (2023). Fonte: Iara Sales. — **39**;

**Figura 32** – Fotografia da conversa-encontro (2023). Fonte: Tiago Ribeiro - Ti.Pi.Ri. — **41**.

# **1. MEMORAR ————— 9**

**1.1 A trajetória enquanto pesquisa — 11**

**1.1.2 Corpo-mãe-imagem: objeto de pesquisa — 13**

**1.2 Percurso no Mestrado/PRODAN entrelaçado ao percurso da pesquisa artística — 15**

**1.2.1 Livro/publicação de artista — 21**

# **2. PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA — 30**

**2.1 Artigos — 30**

# **3. PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA — 31**

**3.1 Inventariado: ações para a materialidade de um solo — 32**

**3.2 Residência artística da Coletiva Mãe Artista (2023) — 34**

**3.3 Conversa-encontro — 41**

**SUMÁRIO.**

# SUMÁRIO.

## **4. PRODUÇÃO ARTÍSTICA — 45**

**Coreografia: corpo e imagem — 45**

**4.1 Textos Coletiva Mãe Artista — 47**

**4.2 Obra resultante: Dança-exposição**

**Pequeno Manual de sobrevivência para  
Mães artistas — 48**

**Dança-exposição-manifesto — 49**

## **REFERÊNCIAS — 51**

# 1 MEMORAR .



Fotografia: Rogério Alves

Sou Iara Sales Agra e agora antes de tudo e qualquer “coisa” sou mãe. Costumo dizer que a palavra mãe se tornou sujeito de todas as minhas frases. Me apresento: sou mãe de Ernesto, artista, pesquisadora e educadora de dança e performance, produtora cultural, designer gráfico e idealizadora e co-fundadora da Coletiva Mãe Artista (2021)<sup>1</sup>. De Olinda/PE, vivo entre Pernambuco e Bahia.

<sup>1</sup> A COLETIVA MÃE ARTISTA (2021) É UM ENCONTRO DE MÃES ARTISTAS DE VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL E QUE EM MÚLTIPLAS LINGUAGENS TRAZEM SUAS MATERNAGENS PLURAIS - VER INSTAGRAM: @MAE.ARTISTA.

A pesquisa **Que (me) faça mover**: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem, foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA), na linha de pesquisa 1 — Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança, com orientação da Professora Dra. Daniela Guimarães<sup>2</sup> (UFBA) e aconteceu entrecruzada<sup>3</sup> e concomitantemente ao meu projeto artístico **Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas**, que contou com o incentivo do FUNCULTURA PE. Sendo ela um desdobramento a partir de minha experiência profissional que está pautada na atuação, desde 2009, como artista, criadora e pesquisadora, transitando entre os campos da dança, da performance, do design, das artes visuais. E mais recentemente, a partir da gestação do meu filho (2007-2008), acrescento o interesse e militância acerca do universo da relação entre arte e maternagem<sup>4</sup>, performando junto a Ernesto, um corpo-mãe-imagem.



Fotografia: Rogério Alves

<sup>2</sup> [LATTES.CNPQ.  
BR/1564421126887939](https://lattes.cnpq.br/1564421126887939)

<sup>3</sup> UTILIZO ENTRECruzAMENTO NO SENTIDO DE DESCRIVER A INTERCONEXÃO OU A INFLUÊNCIA MÚTUA DE IDEIAS, CONCEITOS, ÁREAS DE CONHECIMENTO OU ATÉ MESMO SENTIMENTOS E EXPERIÊNCIAS.

<sup>4</sup> ENQUANTO A MATERNIDADE É TRADICIONALMENTE PERMEADA PELA RELAÇÃO CONSANGUÍNEA ENTRE MÃE E FILHO, A MATERNAGEM É ESTABELECIDADA NO VÍNCULO AFETIVO DO CUIDADO E ACOLHIMENTO AO FILHO POR UMA MÃE OU CUIDADOR(A). ALÉM DISSO, AQUI EU UTILIZO E ENTENDO O CONCEITO DE MATERNAGEM, NÃO APENAS COMO O ATO DE CUIDAR DE UMA CRIANÇA, MAS TAMBÉM COMO O ATO DE CUIDAR DO OUTRO, DE SI E DE DEIXAR-SE SER CUIDADO A FIM DA NUTRIÇÃO DAS NECESSIDADES BÁSICAS FÍSICAS E EMOCIONAIS DE UM INDIVÍDUO.

# A trajetória enquanto pesquisa

11

Entre 2005 e 2008, me graduei em Licenciatura em Dança, pela Escola de Dança da UFBA e dentre muitos ganhos imensuráveis nesse processo, destaco que foi graças a minha formação na UFBA (e sua reforma curricular de pensamento e ensino em dança) que adentrei criticamente nos estudos transdisciplinares, trabalhando intensamente no trânsito entre fronteiras dos mais diversos segmentos artísticos e áreas de conhecimento. Ainda cursando a graduação, nos idos do ano de 2006, decidi que me arriscaria também pelo universo das artes visuais. Passei a desenhar, ilustrar, criar cenários, dirigir arte de vídeos e esses traços iniciais me guiaram para o *design gráfico* – campo que viria me graduar doze anos depois pelo Instituto Federal de Pernambuco - IFPE.

Com os estudos desenvolvidos entre dança popular, autobiografia e a práxis acadêmica apresentei meu trabalho de conclusão de curso e a minha prática de estágio docente intitulada, **Pequenos Corpos Brincantes**: meu Mestre mandou dizer que é para dançar brincando, mas dançar não é brincadeira, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Martins<sup>5</sup>. Nesse estudo relatei vida-criação-obra, revisitando minhas origens e ancestralidades que culminou com a proposta de uma metodologia autoral para o ensino da dança popular<sup>6</sup>, que pude experimentar no meu estágio docente com crianças na Escola de Dança da Fundação de Cultura do Estado da Bahia – FUNCEB, tendo como tutor o Prof.<sup>o</sup> Me. Denilson Francisco das Neves<sup>7</sup>.

Nessa trajetória atravessada pelo ambiente artístico e acadêmico, destaco ainda minha atuação junto ao Grupo CoMteMpu's — Linguagens do Corpo (2006-2014), onde me tornei profissional e pude desenvolver, com os meus companheiros de trabalho, processos de pesquisa e criação em dança aliados aos estudos da desconstrução, do acaso, da improvisação e da autonomia do corpo que dança. Do CoMteMpu's emergiu a parceria com Sérgio Andrade<sup>8</sup> (BA/AMS) e Tonlin Cheng<sup>9</sup> (PE), meus companheiros de trabalho entre os anos de 2009 e 2019, bem como iniciei minha trajetória como designer especializada em projetos de dança.

Na trajetória do grupo, destaco aqui a criação da identidade visual do espetáculo **Safo** (2009/2012), em parceria com o artista visual e designer gráfico Tiago Pinto Ribeiro<sup>10</sup> (Ti.Pi.Ri). A criação de Safo foi um marco, não apenas pela criação da identidade visual como também porque nesse trabalho passei a identificar na nossa pesquisa uma produção simbiótica entre performance, vídeo e fotografia. A partir desse projeto (2009), passei a tencionar a relação entre meus fazeres profissionais e a entender a identidade visual de uma dança não somente como partes complementares da obra e

<sup>5</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/2871721478410019](http://lattes.cnpq.br/2871721478410019)

<sup>6</sup> METODOLOGIA DE DANÇA BRINCANTES AUTORAL, EM QUE UTILIZO AS DANÇAS, FOLGUEDOS E BRINCADEIRAS POPULARES DE PERNAMBUCO ENTRELAÇADAS AOS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE MOVIMENTO DE RUDOLF LABAN.

<sup>7</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/5787700239387053](http://lattes.cnpq.br/5787700239387053)

<sup>8</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/8993138556770010](http://lattes.cnpq.br/8993138556770010)

<sup>9</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/1891040297904279](http://lattes.cnpq.br/1891040297904279)

<sup>10</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/8241149565106190](http://lattes.cnpq.br/8241149565106190)



sim como uma ampla ação performativa de mútua afetação transdisciplinar entre a “coreografia da imagem” e a “coreografia do corpo”, característica que acompanha minha produção artística até hoje.

No final de 2009, voltei para minha cidade natal, Olinda/PE, e passei a atuar no trânsito entre cidades, entre Pernambuco e Bahia, e, posteriormente entre Olinda, Rio de Janeiro e Salvador.

Entre 2012 e 2013, eu, Tonlin e Sérgio, realizamos a pesquisa artística intitulada **PEBA**: transmutações do Corpo Brincante entre Pernambuco e Bahia (FUNCULTURA 2012), onde investigamos os trânsitos entre as culturas populares de rua entre Pernambuco (PE) e Bahia (BA), refletindo sobretudo sobre a precariedade fronteira entre corpo, festa e subversão. Fruto dessa pesquisa surgiu **PEBA** (2013 - 2019), uma obra artística que transita entre dança, performance, live PA e instalação (arquitetura de luz e som). Com **PEBA**, recebemos o Prêmio FUNARTE Klauss Vianna 2015, com o qual realizamos uma circulação nacional por 11 cidades brasileiras no ano de 2016 e, em 2019, com apoio do FUNCULTURA PE, realizamos uma circulação internacional por cinco cidades latino-americanas. Assim, **PEBA** construiu uma trajetória de sete anos de múltiplas atividades entre pesquisa, criação, performance, obra, o seminário Fuleiragens na fronteira, palestras, oficinas (Auê! PEBA), circulações nacional e internacional e o lançamento do PEBA: livro-objeto, publicação produzida artesanalmente por mim e por Tonlin. Em **PEBA**, de forma mais consciente e deliberada, as relações entre *design* gráfico, foto, vídeo e performance foram aprofundadas, conformando uma performatividade de afetações mútuas e contínuas entre linguagens, tornando **PEBA** uma performance transmídia e de significantes multi-vetoriais.

Em 2018, ano em que me tornei mãe, também me formei em *design* gráfico, no IFPE, ao mesmo tempo que ingressei na Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança da UFBA (2019). Também foi o ano em que eu e Tonlin, junto a outros artistas pesquisadores, e Adriana Gehres<sup>11</sup> como coordenadora, realizamos a pesquisa artística intitulada **Projeto Assepsia** – Corpo Bactéria. Como resultado, eu e Tonlin criamos uma série de vídeos de 30 segundos, direcionados à publicação em rede social, instalações e intervenções lambe-lambes. Onde, devido ao meu puerpério e minha impossibilidade de presença física no espaço/tempo, deliberadamente elevo ao limiar da spectralidade a representação do corpo na composição da imagem, buscando com isso tensionar questões acerca do lugar do corpo presente na conformação performática.

Em 2021, desenvolvi duas pesquisas artísticas complementares em seus temas. Na pesquisa em videodança intitulada **TRABALHO** (FUNCULTURA PE), em parceria com Tonlin Cheng e Gabriela Holanda<sup>12</sup>, investigamos as relações entre arte e trabalho, da precarização do fazer artístico, dos modos como produzimos nossas danças. O projeto teve como pergunta motora: como construímos os enquadramentos de nossa espetacularização e de nossa mobilidade acelerada/ condicionada à construção de bens/ mercadorias culturais?

E o projeto **Mãe-artista ou artista-mãe?** Residência artística remota para mães-artistas da dança (Lei Aldir Blanc/PE 2020), no qual fui idealizadora, orientadora, coordenadora geral, *designer*, produtora e *performer*. Com a residência criei um ambiente virtual de criação com outras mães artistas, tendo como mote condutor o tema do cancelamento da artista-mãe pelo sistema capitalista, tensionando a relação trabalhista destas artistas junto ao patriarcado.

<sup>11</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/8811664747497123](http://lattes.cnpq.br/8811664747497123)

<sup>12</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/3245788263018773](http://lattes.cnpq.br/3245788263018773)

A residência gerou diversos frutos, dentre eles o **1º seminário Conversas sobre Arte e Maternagens**<sup>13</sup>; um website<sup>14</sup>; a Exposição Virtual / Mostra Artística **Mãe-artista ou Artista-mãe**, alocada no website; a fundação da **Coletiva Mãe Artista**, e ainda, meu filme de dança **Falta colo, mas colo eu tenho para dar** (2021).

Entre maio de 2023 e julho de 2024, entrecruzada à pesquisa de mestrado, desenvolvi o projeto artístico **Pequeno Manual de sobrevivência para mães artistas**, com incentivo do FUNCULTURA PE, que teve como resultados a Dança-exposição, de mesmo nome, **Pequeno Manual de sobrevivência para mães artistas** (2024); a boneca de um livro de artista **Pequeno manual coletivo**; a áudio-dança, **Tutorial para começar a mover** e o **2º seminário Conversas sobre Artes de Maternagens**, com a temática “Mãe, deixe a peteca cair!”, que realizei em parceria com a **Coletiva Mãe Artista**. Também em parceria com a coletiva, realizei, em 2023, a 1ª exibição de vídeo e fotos performances da Coletiva Mãe Artista, na sala de cinema Walter da Silveira, em Salvador/BA e uma oficina para mães e crias, no espaço Xisto Bahia em Salvador, ao mesmo tempo em que realizamos a **2ª residência artística para mães artistas**, na escola de Dança da UFBA e na CcSoMovimento, também em Salvador/BA. Residência essa, dentro do **Inventariado**: ações para a materialidade de um solo, ações que propus e executei como procedimento metodológico dentro do meu plano de pesquisa do mestrado.

# Corpo-mãe- imagem: objeto de pesquisa

A pesquisa de mestrado **Que (me) faça mover**: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem surge como confluência e amadurecimento de uma trajetória-pesquisa-atuação em curso ao longo de toda a minha experiência profissional. Inicialmente impulsionada pelas inquietações: *Como transmutar o processo criativo em dança ao processo criativo em design? Como relacionar essas práticas? Como o design afeta a dança e a dança afeta o design? O corpo que produz design é inerte? Como essa co-implicação de práticas produz conhecimento?* A pesquisa foi, também, atravessada por reflexões sobre como as experiências de maternagem servem não apenas a quem gesta, pare e cuida, mas à sociedade como um todo, sendo mote para criações artísticas, visibilidade e protagonismo aos corpos-mães.



Assim, a pesquisa chega ao cruzamento entre dança, design/artes visuais e maternagem (um performar materno) e fundamenta-se no conceito de publicação/livro de artista ou livro objeto, utilizando pesquisadores como Amir Cadôr, que nos fala que "os livros de artista são obras de arte que podem nos acompanhar em qualquer lugar e a qualquer hora." (CADÔR, 2014, p. 25).

Ao percorrer as fronteiras entre os campos da dança e do design gráfico, numa busca por um design fluido, principalmente na confecção e diagramação de livros para dança, tenho tentado desenvolver estratégias para fazer com que o(a) leitor(a) dance com o livro. Mais do que um livro-objeto ou o livro como um objeto, meu trabalho tem sido direcionado à criação de um corpo, um corpo-livro, uma dança-livro.

Ao iniciar o mestrado o termo "livro de artista" era pouco conhecido por mim, conceitos e entendimentos acerca deste universo surgem com maior embasamento durante as aulas do componente optativo "O avesso da página", com Lia Krucken e Ines Linke, na Escola de Belas Artes da UFBA. Até então, eu nomeava meu objeto de estudo e possível resultado como um livro-dança objeto. Foi durante as aulas, que Lia sugeriu: "Por que não uma "dança-livro", no lugar de "livro-dança"?", essa sugestão fez e faz muito sentido para mim. Acatei.

Além de me interessar e atuar no trânsito e na fronteira entre linguagens, me interessei primeiramente pelo movimento, pelo mover e pelo corpo e é na Dança que encontro esse chão, meu alicerce. Então, é "natural" que um livro de artista construído por mim, seja uma dança, uma dança-livro, tendo o corpo como lugar primeiro de performance.

O que seria uma dança-livro? Quais caminhos? Quais estratégias tenho traçado para a materialização da minha dança-livro? No primeiro ano do curso de mestrado precisei viver entre idas e vindas das cidades de Olinda/PE e Salvador/BA, pois ainda estávamos tendo aulas híbridas, devido à pandemia da COVID-19. Com esse caminhar, acabei iniciando a escrita de um diário visual, esse diário da distância, sobre a minha relação com meu filho, com a maternidade, o meu performar materno à distância, virou roteiro guia para o que estava por vir.

Percebi que não tinha sentido separar o eu corpo-mãe, dos meus fazeres e estudos acadêmicos, principalmente por questões políticas, o famoso: "vai ter mãe na academia sim!", estamos e sempre estaremos em todos os lugares. O que faço com tudo isso?

No percurso da pesquisa de mestrado, minha a publicação de artista ganha vida como o que tenho chamado de dança-livro falado, ou seja um livro de artista falado, que o tenho performado em capítulos: 1- Umbigo, 2- Garatuja, 3- Soterrada, 4- Invisibilizada ou cancelada e mais recentemente acrescentei os capítulos Pequeno manifesto coletivo e Divinas tetas (a depender de como as obras são ativadas). Irei aprofundar sobre esse assunto em sessões mais adiante.

Esse trânsito entre linguagens que desenvolvi ao longo da pesquisa, transbordou minhas expectativas iniciais e o objetivo primeiro, o de criar uma só obra solo performática resultante desse entrecruzamento. Ultrapassou as fronteiras do que viria a ser uma só obra e acontece como uma Dança-exposição. Ou seja, a obra nasce de natureza híbrida, não é isso ou aquilo, é sim uma terceira proposição e além disso, é um conjunto de oito pedaços-obra, que juntos formam uma só obra. Uma só obra que acontece em coletivo, onde cada um de seus oito pedaços-obra são igualmente obras e podem ser também ativados individualmente.

**Que (me) faça mover:** transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem, versa então sobre a fricção entre dança, design, artes visuais, livro de artista e maternagem, no intuito de poder aprofundar e tensionar práticas profissionais e estudos acadêmicos em dança, possibilitando a sistematização de minhas pesquisas artísticas, e por fim, conformou essas ações/mídia numa obra solo performática, uma dança-livro-manifesto, a Dança-exposição **Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas** (2024), uma série de ações complementares, oito pedaços-obra, que são uma só, uma instalação performada ou ainda um solo-dança-livro-manifesto, que move e faz mover.

# Percurso no Mestrado / PRODAN entrelaçado ao percurso da pesquisa artística

# 1.2.

Como já sabido, o percurso da minha pesquisa acadêmica no PRODAN, aconteceu concomitantemente à minha pesquisa artística **Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas** e claro, foi inevitável a afetação e colaboração mútua entre esses fazeres.

Nesse sentido, os componentes do mestrado e as trocas com os colegas e professores, foram férteis campos de investigações e experimentos ao longo do meu processo criativo. E nesse movimento, alguns dos meus trabalhos acadêmicos ou dos componentes do mestrado foram base para a minha Dança-exposição **Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas** e vice-versa.

Compartilho alguns momentos traçados que quero enfatizar e marcar como pontos importantes ao longo deste processo: A criação de um roteiro de diário visual, dentro de um dos componentes do mestrado, foi a base (ou melhor, o roteiro) de uma das partes do livro de artista falado (performativo), que é um dos oito pedaços-obra da minha Dança-Exposição. O materno à distância do meu viver cotidiano materno, das minhas idas e vindas ao longo do percurso do mestrado foi campo de conhecimento e estudos criativos que deu origem a esse Roteiro de diário visual. O **Diário da ausência**: ou distante, mas não ausente. A seguir a transcrição do primeiro parágrafo do Roteiro de diário visual:

Um **diário visual**, escrito, falado, pensado, rabiscado, esboçado, fotografado, cantado, silenciado, desenhado, cartografado, esquecido, lembrado, distante, ausente, presente, passado, próximo, instantâneo. Processo de gestação do cotidiano da ausência. É a primeira vez que fico longe do meu filho. Aqui relato a importância de preencher de presença, a ausência. (Iara Sales, 2022).

Para a apreciação completa do Roteiro, acesse:

<https://docs.google.com/document/d/1tXvyUJ9OeFaAXtWkhMRCwfYHIVE-kwSmNcUV1J144dk/edit?usp=sharing>

Também, as fotografias que são o pedaço-obra **Eu não estou aqui! Estou?** da Dança-exposição, surgiram ao longo desse processo criativo artístico/acadêmico. A partir delas, explorando possibilidades e como resultado de um dos componentes, fiz uma série de experimentos que podem ser acessados nos seguintes links:

[https://youtu.be/1o\\_EZnB4EXg](https://youtu.be/1o_EZnB4EXg) , [https://youtu.be/KZszSmx14\\_8](https://youtu.be/KZszSmx14_8)

Ainda nesse diálogo, entre pesquisas, aproveitei para continuar e testar experimentos já em andamento, como o **Tutorial para começar a mover**, que hoje dá título e é conteúdo parte de minha audio-dança, igualmente presente na obra.

#### **Tutorial para começar a mover.**

"Regras" para se criar o tutorial:  
1º. Pegue uma folha de papel e uma caneta ou lápis; 2º. Inicie pensando sobre procedimentos, maneiras de se iniciar uma dança; 3º. Reflita sobre o que te move? O que faz mover? O que te faz mover? Como você faz mover o outro? Você deixa o outro te mover?  
4º Escreva, rabisque, desenhe, não necessariamente nessa ordem; 5º. Evite pensar na ideia de passo a passo para criar o seu tutorial; 6º. Evite pensar em fazer procedimentos / vídeos de bem-estar; 7º. Evite também cair na lógica de máquina e eficiência; 8º Mova-se!  
9º. Não necessariamente nessa ordem.  
(Iara Sales, 2022).

Uma das obras, o livro de artista falado (performatado), foi criado e teve sua primeira aparição no componente **O avesso da página** (2022.2), ministrada por Lia Krucken<sup>15</sup> e Ines Linke<sup>16</sup> e tem acontecido como performance falada através dos "capítulos": **Umbigo, Garatujuas, Soterrada**, e posteriormente **Cancelada/ invisibilizada**, junto com a fita crepe, minha aliada tanto em minhas criações artísticas, quanto no meu materno cotidiano.

**Umbigo** trata de um desdobramento do meu Roteiro de diário visual - **Diário da ausência**: ou distante, mas não ausente, desenvolvido ao longo das minhas idas e vindas entre as cidades de Olinda/PE e Salvador/BA no ano de 2022, meu primeiro ano do curso de mestrado. Na ocasião, e por consequência da pandemia da Covid-19, os componentes do mestrado aconteceram de maneira híbrida, sendo necessários momentos presenciais na Escola de dança da UFBA.

Em **Umbigo**, faço uso de texto, papéis, desenhos, histórias e rabiscos conectados através de um orifício que os perfura e uma linha vermelha que os cruza e também conecta. Já em **Garatujuas**, nome dado à fase inicial dos primeiros grafismos ou rabiscos das crianças, utilizo também materiais compostos com meu filho Ernesto e três fotos-performances criadas em parceria com Ernesto e Tonlin Cheng.

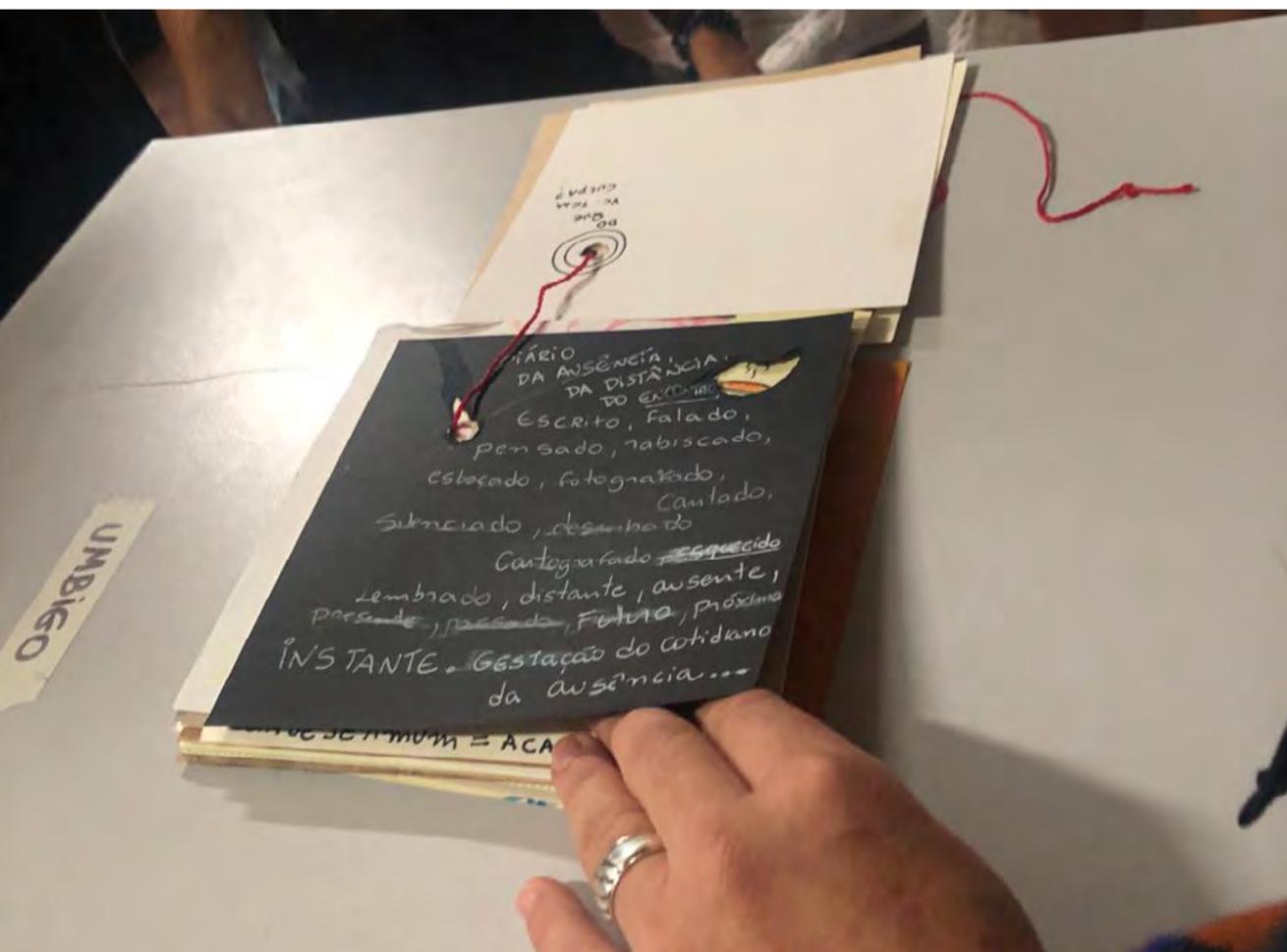
Em **Soterrada**, soterro com pedras a "culpa materna". Uma culpa frágil e necessária de ser abatida e chamada a atenção para a reflexão sobre temática tão presente no materno. A fita crepe, presente em todos os "capítulos" citados acima, entra também em cena em **Cancelada/Invisibilizada**, onde, literalmente, cubro todo o meu rosto com a fita crepe, esgarçando o "fetichismo" da mãe não humana, sem face, ao mesmo tempo que trago à tona a mulher mãe artista invisibilizada e cancelada pelo sistema capitalista patriarcal. Sistema que exige uma rotina de produção acelerada, incompatível com o tempo puerperal da maternidade.

O livro de artista falado, tem sido performatado em apresentações artísticas e acadêmicas, como o Congresso da UFBA 2023 (março 2023), a Conferência Internacional Trançar (Junho de 2023)<sup>17</sup>, com a palestra "Entrançamento: livro e movimento" e também como um dos pedaços-obra, da minha Dança-exposição **Pequeno Manual de sobrevivência para mães artistas**.

<sup>15</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.BR/2122895442628425](http://lattes.cnpq.br/2122895442628425)

<sup>16</sup> [HTTP://LATTES.CNPQ.BR/404744555687884](http://lattes.cnpq.br/404744555687884)

<sup>17</sup> PROGRAMA DA CONFERÊNCIA TRANÇAR: [HTTPS://DRIVE.GOOGLE.COM/FILE/D/1LYCTCZ3NCGHSCBETSTQP9HPKTEFTSHMA/VIEW?USP=SHARING](https://drive.google.com/file/d/1LYCTCZ3NCGHSCBETSTQP9HPKTEFTSHMA/view?usp=sharing)







Fotografias: Lineu Gabriel

Palestra Entrançamento: livro e movimento  
- Conferência Internacional **Trançar**  
(Junho de 2023):

1- <https://youtu.be/W7cYiOWSONw>

2- <https://youtu.be/06XjjDec64M>

Continuando com o que acredito ser interessante e pertinente à esse entrecruzamento de pesquisas, compartilho reflexões que apresentei para a turma do mestrado, quando do primeiro exercício de um dos componentes, sobre Lugar de Fala:

Alinhar materiais... *O que, onde e como um corpo-mãe é autorizado a dançar?* Pergunta que ecoa, como fantasmas que perfuram minhas entranhas, traz memórias e marca minha pele. Faz 7 anos.

Na gestação, junto com a oscilação hormonal, tive vontade de mover coisa alguma e tive vontade de mover o mundo. Então mexi, gesticulei e dancei com uma "barrigona" de 8 meses. Ainda nesse período, percebi na pele a política do "cancelamento" induzida pela práxis do sistema capitalista. Como dialogar com "pares" de outrora, que agora, como animais em caça tendem a te destruir. Há diálogo?

Descabelar-se ou plantar-se em soluços abafados. Solidão materna. *A soberania do corpo é perdida ao se tornar mãe, cabendo apenas o papel de reprodutora de mão de obra?* Faz em mim a urgência de refletir sobre os embargos sociais ao corpo-mãe. Pensar sobre a (in)visibilidade, (in)produtividade e o cancelamento das mães artistas pelo sistema capitalista, tensionando as relações trabalhistas destas artistas junto ao patriarcado.

Estamos inseridas num sistema que atua dentro da lógica do pensamento neoliberal, onde é normativo que o estado não se responsabilize pela sobrevivência e manutenção da artista mãe. Mesmo que pontualmente, forneça subsídios via editais públicos, o artista está, ao concorrer, ou melhor, ao competir, agindo dentro da lógica neoliberal. Essa lógica requer ainda a intensificação do trabalho laboral, de esforço físico e mental, necessariamente exaustivo.

Uma mãe artista autônoma, trabalha 24 horas e 7 dias na semana, sem direito a férias, sem nenhuma seguridade social, sem nenhum direito trabalhista. Tal situação ganha proporções colossais e ainda mais evidentes, quando da maternidade. Perceber na pele uma política do "cancelamento" induzida pela práxis do sistema capitalista, se performa algo como uma equação: se não produzo, não existo = se não produzo, não sou artista.

O artista está inserido na lógica da produtividade acelerada e isso não combina com a maternidade. Então, *para que serve um corpo condicionado a uma temporalidade puerpérea, dilatada e incompatível aos anseios do capital?*

Quem sou? Lara, mamãe iá, Lara Sales, mãe, artista Mãe-artista ou Artista-mãe? Mãe, artista de dança, performance e design visual. Estou bastante embebida do meu lugar no mundo. Sou mãe, artista. *O que fazer com isso? Simplesmente Viver?*

Dançar para mim nos últimos anos se tornou sinônimo de crise, crises existenciais, crises intelectuais, subjetivas, trabalhistas. Falta de vontade de mover, inércia, medo. A partir de tudo isso vem o boom da maternidade, mover com e para o outro e enfrentar o cancelamento e o auto-cancelamento.

Eu estou interessada em conversar sobre o cancelamento da mãe artista e no como, em coletiva, além de falar sobre rede de apoio sermos porto/abrigo/morada para a criatividade de criar não apenas seres "humaninhos", mas continuar a vacilar nos entrelugares da dança. Mas estou cansada, cansada, cansada e choro de exaustão. "Ser socializada como mulher traz responsabilidade"<sup>18</sup>.

<sup>18</sup>FRASE DE AUTORIA  
DESCONHECIDA,  
PROVAVELMENTE  
OUVIDA E ANOTADA  
NUMA CONVERSA EM  
RODA COM AMIGAS-  
MÃES.

# Livro / publicação de artista

Como já mencionado anteriormente, ao iniciar o mestrado, o termo "livro de artista" era pouco conhecido por mim, conceitos e entendimentos acerca deste universo acontecem com maior embasamento durante as aulas do componente optativo Tópicos especiais: **O avesso da página**, do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes - EBA/UFBA, ministrado entusiasticamente por Lia Krucken e Inês Linke e a partir dessa experiência, minhas pesquisas artística/acadêmicas ganharam novos contornos e aprofundamento.

Os estudos aconteceram de maneira teórico-prática, conhecemos autores e artistas que abordam o tema, pensamos sobre as múltiplas possibilidades de formatos, apostando na experimentação de materiais e no livro como campo expandido e espaço de arte.

Tivemos a oportunidade de conversarmos com diversos artistas, editores e pesquisadores. Também fomos à galeria RV Cultura e Arte, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador/BA. Na ocasião, a curadora e galerista do espaço afirmou ser necessário nominar o livro como publicação, de maneira genérica, por questões de embargos e imposto, para que seja possível levar as edições dos artistas em viagens. A galerista usa do artifício da "gambiarra", o famoso "jeitinho" para transportar as obras. Não por este motivo, mas ao mesmo tempo falando do lugar precário que a arte brasileira ocupa, Fábio Morais, no seu livro *Sabão*, nos fala que também evita o termo "livro de artista":

(...) evito o termo "livro de artista", que além de nos enfiar goela abaixo uma história que não é nossa, reduz ao códex algo que é bem mais amplo e complexo - códex, inclusive, de produção cara no Brasil, um dos fatores de sua inviabilidade. Costumo usar o termo "publicação" e evito ao máximo a muleta "de artista", a não ser quando quero localizar pontualmente um lugar de fala.  
(Morais, 2018, p. 4-5)

Fábio é bastante polêmico e até mesmo debochado, mas o que ele teoriza sobre publicação, tem bastante sentido. Em seu livro, ele faz uma retrospectiva histórica de como acontece a publicação de artista no Brasil. Me identifico com suas reflexões, porque ao longo de minhas pesquisas e experimentações artísticas a “precariedade”, a “gambiarra”, o “fazer com o que está à mão e do jeito que dá”, sempre foram base para minhas obras e experimentações artísticas.

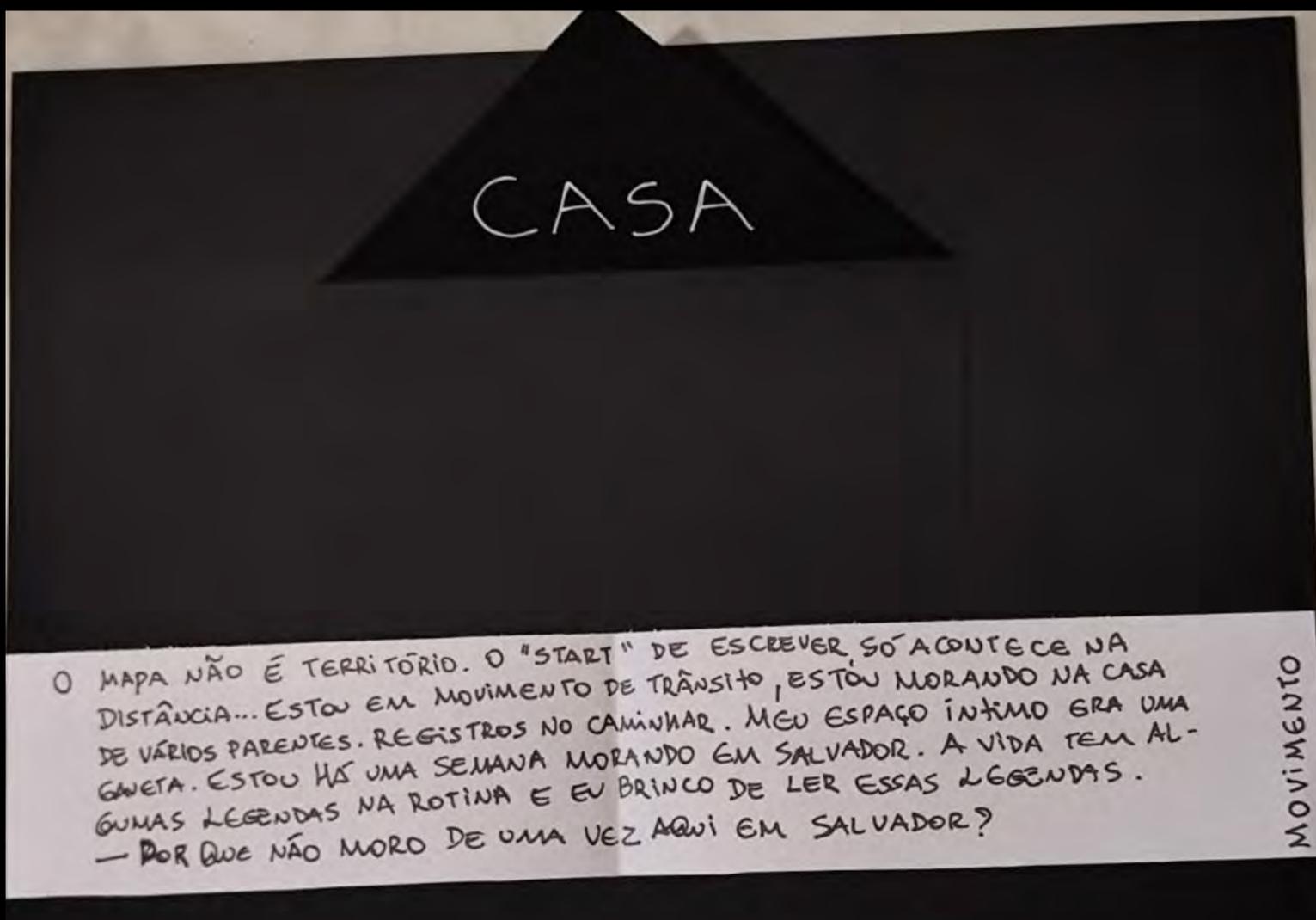
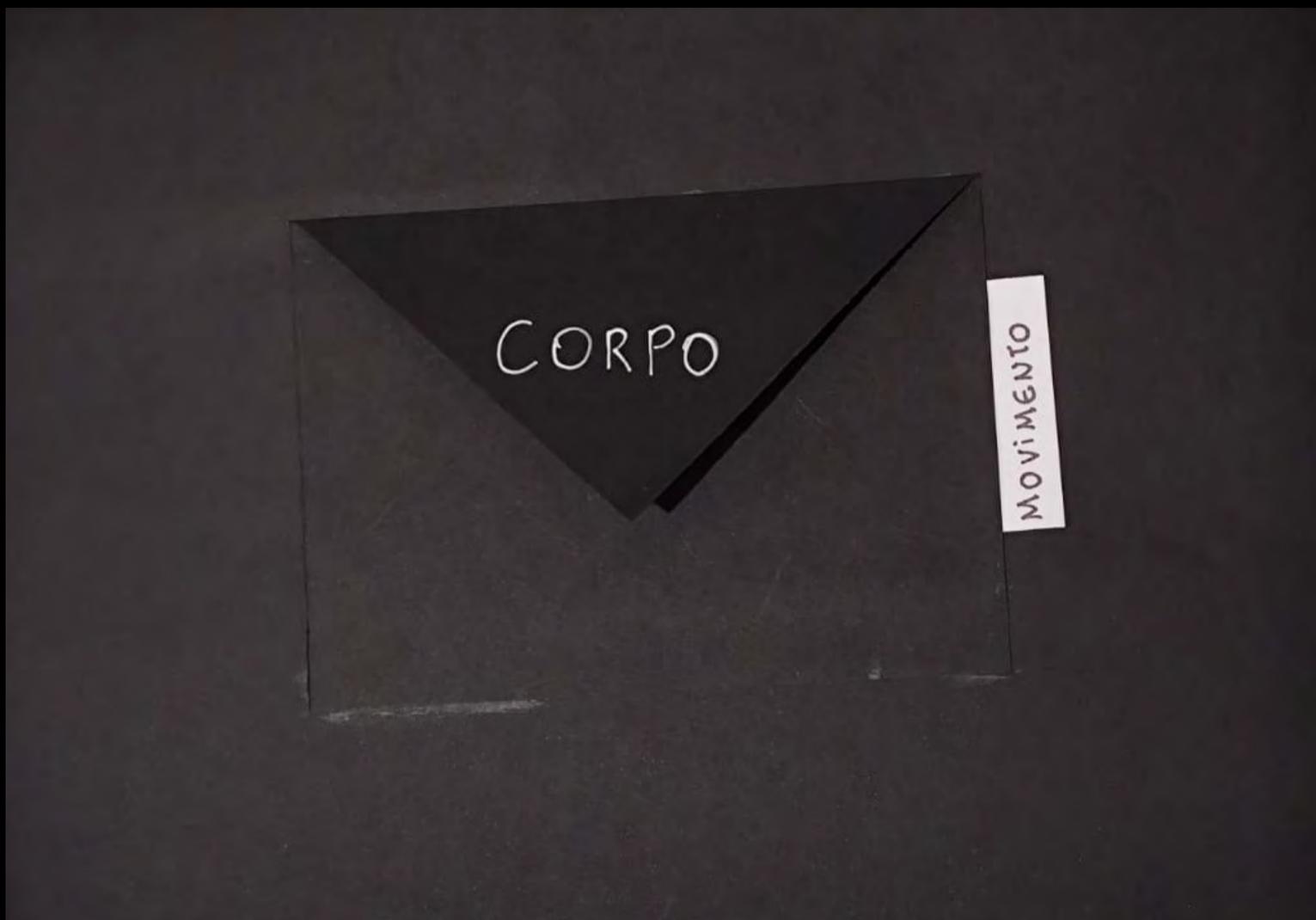
Nas artes visuais brasileiras nunca houve livro de artista, isso é coisa de francês com inglês teorizando para estadunidense ver: aqui sempre teve, e tem, gente das mais variadas linguagens que edita de forma misturada, miscigenada e guerrilheira. Ou gente que leva adiante suas experimentações estético-formais até chegar, por motivos variados, aos vocabulários gráfico, editorial e livresco. [...] Aqui tem navilouca. Suruba gráfica. Tudo feito na unha. (Morais, 2018, p.3).

Em meus trabalhos faço uso da “precariedade” e da “gambiarra” como ferramenta de criação, em suas diversas potências: estética, conceitual, linguística, semântica e política. E ressalvo, como percebeu a autora Roberta Ramos em seu artigo “Léxicos, visualidades e corporeidades da teimosia, da gambiarra e da precariedade em “PEBA”, em que ela faz um estudo sobre a minha obra **PEBA** (2013), e nos fala: “entendemos a noção de gambiarra e precariedade, como uma urgência de resolver uma demanda, não como uma exaltação à pobreza”. Pensamento que Ramos aprofunda na seguinte explicação:

Corroborando com a ideia de resolver da maneira que for possível, com o que está à mão e de construir gambiarras para dar solução, tenho feito uso da Fita crepe como elemento coringa para a criação da obra resultante dessas pesquisas de mestrado e artística. Em **O avesso da página**, além de ter tido a oportunidade de ampliar os estudos e conhecimento sobre publicação de artista, pude dar o pontapé inicial para a coreografia ou para a materialização do que tem se tornado minha dança-livro e seus “capítulos” e ativações de performances. E claro, com a Fita Crepe sempre presente.

[...] Vale a ressalva de Fabião (2011) de que não se trata de um elogio à precariedade como falta de recurso. Ou, ainda, a problematização do termo e das práticas que ele define, feita por Anjos (2010), quando alerta para o cuidado de não exaltarmos a gambiarra ao ponto de isso igualar-se a uma exaltação de um “cosmopolitismo do pobre” (Ramos, 2016, p.362).

**CORPO**  
**CASA**



O MAPA NÃO É TERRITÓRIO. O "START" DE ESCREVER SÓ ACONTECE NA DISTÂNCIA... ESTOU EM MOVIMENTO DE TRÂNSITO, ESTOU MORANDO NA CASA DE VÁRIOS PARENTES. REGISTROS NO CAMINHAR. MEU ESPAÇO ÍNTIMO GRA UMA GINETA. ESTOU HÁ UMA SEMANA MORANDO EM SALVADOR. A VIDA TEM ALGUMAS LEGENDAS NA ROTINA E EU BRINCO DE LER ESSAS LEGENDAS. — POR QUE NÃO MORO DE UMA VEZ AQUI EM SALVADOR?

**M**

**0**

**>**

**|**

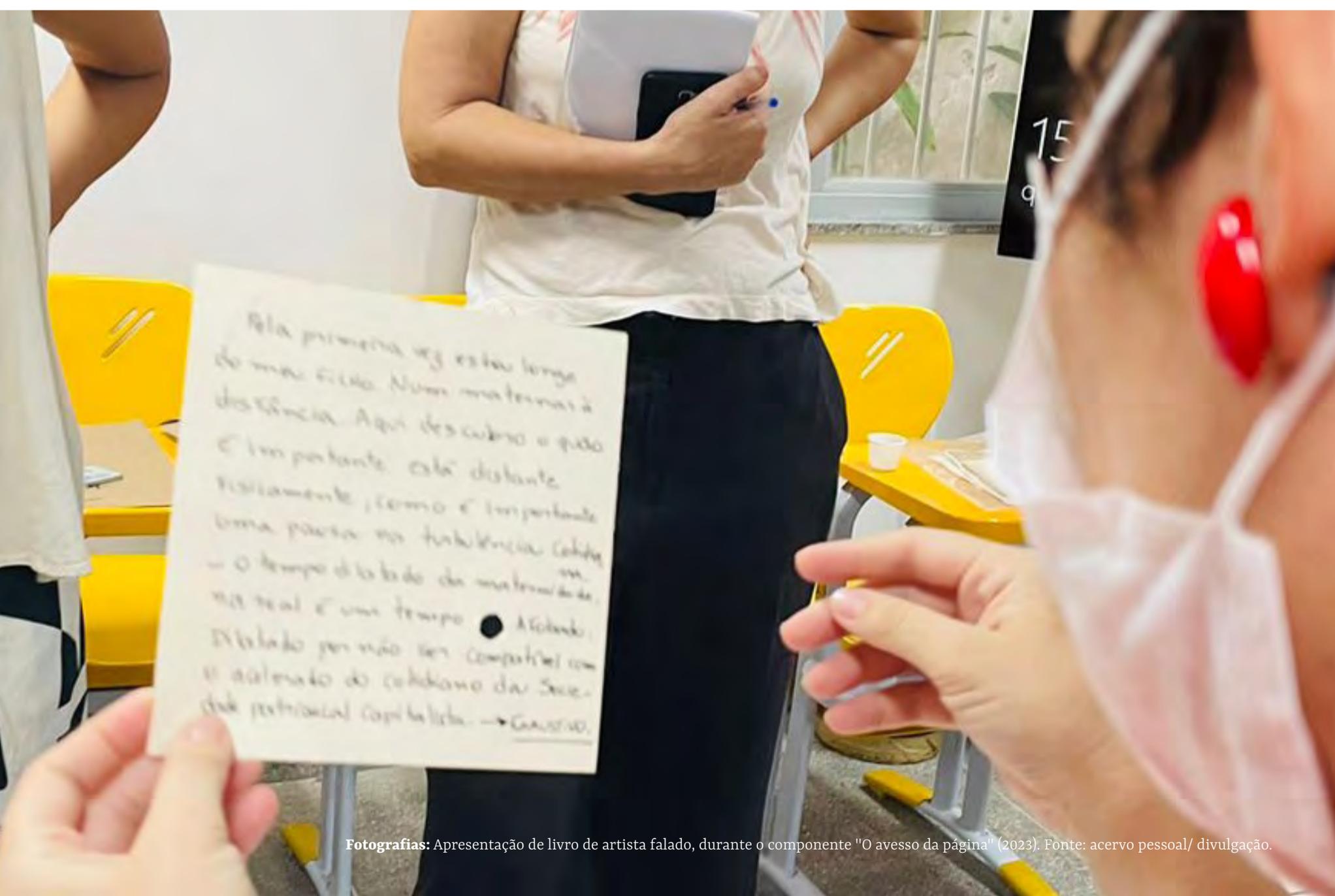
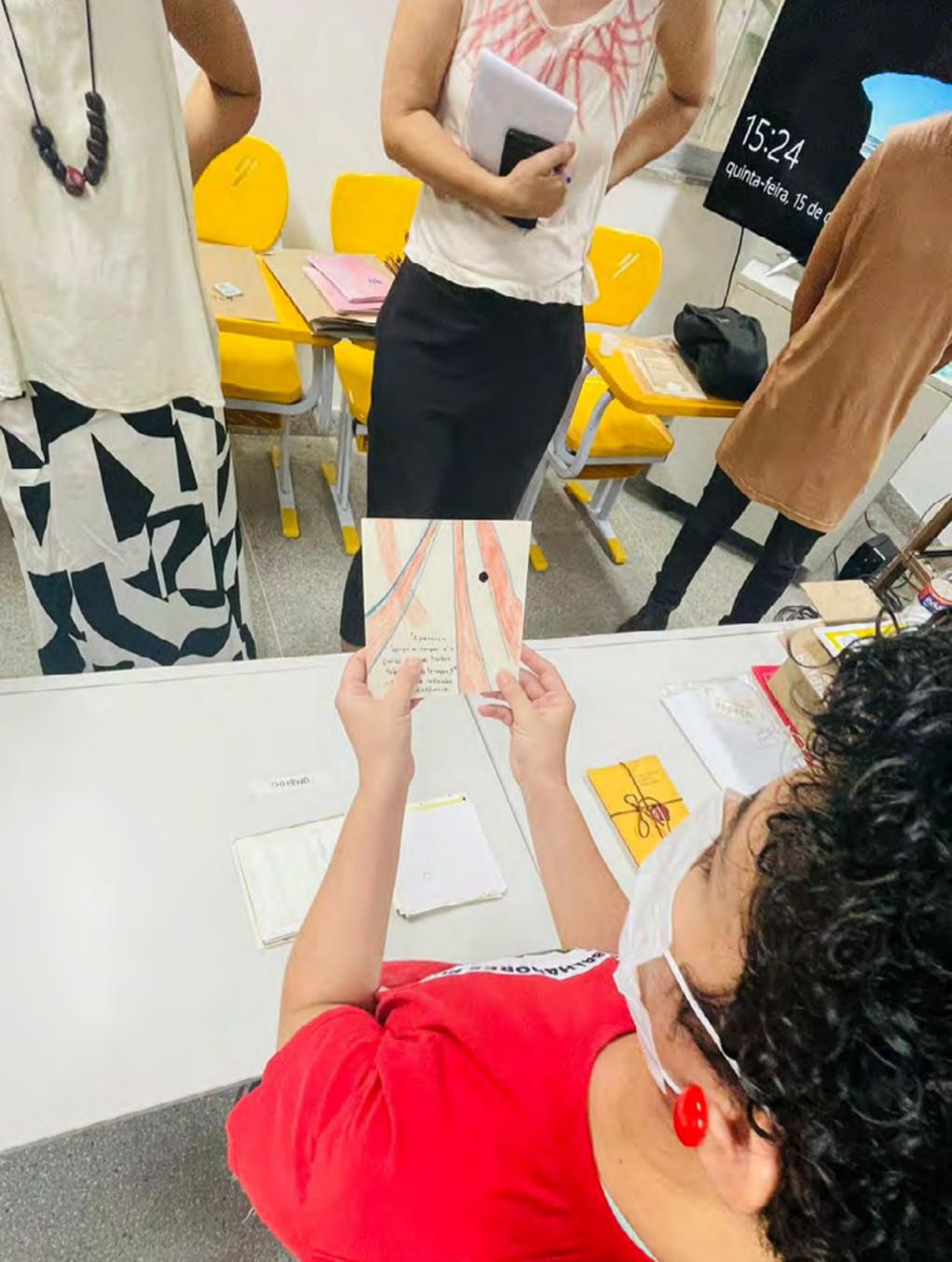
**M**

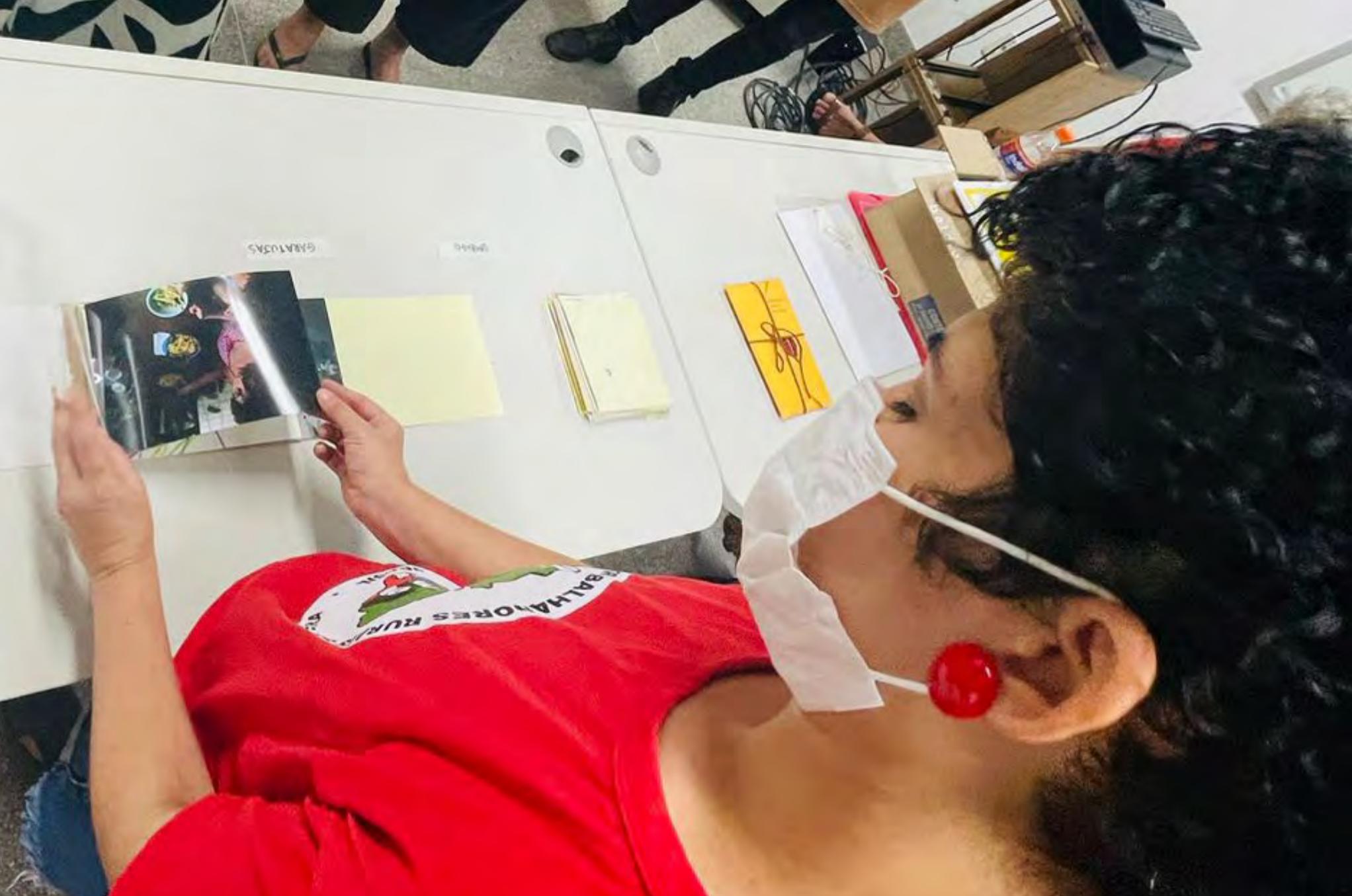
**T**

**E**

**Nθ**

AINDA AO LONGO DAS AULAS  
DO COMPONENTE OPTATIVO,  
LIA ME DISSE:  
**POR QUE NÃO UMA  
DANÇA-LIVRO,**  
NO LUGAR DE LIVRO-DANÇA?  
E LÁ PROJETEI UM LIVRO/  
DIÁRIO VISUAL CORPORAL  
MATERNO, QUE SE DESDOBRA  
EM VÁRIOS CAPÍTULOS. FOI  
LÁ QUE “**PERFORMEI LIVRO**”  
PELA PRIMEIRA VEZ.





**Fotografias:** Apresentação de livro de artista falado, durante o componente "O avesso da página" (2023). Fonte: acervo pessoal/ divulgação.



**Fotografia:** Apresentação de livro de artista falado, durante o componente "O avesso da página" (2023). Fonte: acervo pessoal/ divulgação.

Nas imagens aparecem as minhas publicações artesanais, Umbigo, Garatujas e Soterrada, que fiz como projeto final do componente optativo. As publicações (ou capítulos) trazem como temática a maternagem, além de experimentos entre Design Gráfico e Performance. Aqui não cabe descrever cada publicação, mas em Soterrada, coloco um bordado escrito "**culpa**" sobre a mesa, em seguida atiro pedras por cima de maneira "displícite", sobre a "culpa", **soterrando-a**.

Obs<sub>1</sub>: Na seção "3. Porvir: pistas para a dança-livro", do Artigo publicado na ANDA 2023, eu descrevo cada etapa da dança-livro falado, que performo através de capítulos.

Obs<sub>2</sub>: atualmente acrescentei novos capítulos à dança-livro falado.

# 2. PRODUÇÃO BIBLIO- GRÁFICA

30

## 1. Artigos

**Publicado:** 7º Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA 2023

**Em fase de editoração**<sup>19</sup> - GMater<sup>20</sup>: artigo escrito em parceria com Jaqueline Barbosa Pinto Silva<sup>21</sup> e Rafaela Kalaffa Sergio e Silva<sup>22</sup>.

**Acesso em:**

[https://drive.google.com/drive/folders/1WEu1uRFaYfZDntq102\\_RZZ-37xCWfXiq?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1WEu1uRFaYfZDntq102_RZZ-37xCWfXiq?usp=sharing)

<sup>19</sup> O ARTIGO SERÁ PUBLICADO COMO UM DOS CAPÍTULOS DO LIVRO MATERNIDADE, PARENTALIDADE, FAMÍLIA E TEMAS TRANSVERSAIS, DE ORGANIZAÇÃO DE HAYESKA COSTA BARROSO, TATIANE SANTOS DUARTE, JAQUELINE BARBOSA PINTO SILVA, DIANA LOUREIRO VALLS, QUE NO MOMENTO ENCONTRA-SE EM FASE DE EDITORAÇÃO, PELA EDITORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

<sup>20</sup> GMATER - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE MATERNIDADE, PARENTALIDADE E SOCIEDADE (2021), DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB.

<sup>21</sup> LATTES.CNPQ.  
BR/9143808459793125

<sup>22</sup> LATTES.CNPQ.  
BR/9508113703318119

# PRODUÇÃO 3. TÉCNICA- TECNOLOGICA

31



Fotografia: Rogério Alves

A pesquisa de mestrado tem natureza implicada. Sendo autobiográfica e coletiva biográfica, ela transmuta minhas práticas artísticas profissionais (dança-performance - design - artes visuais), e acarreta como resultado numa obra performática de cunho híbrido, pautada no entre. A maternagem surge como temática e como ação política ativista.

Como procedimento metodológico de investigação, criei um inventário que intitulo de **Inventariado**: ações para materialidades de um solo, e dentro dele cumpri um ciclo de ações/laboratórios de investigação, onde aconteceram: uma residência artística e um Conversa-encontro, além de investigações solas em sala de ensaio. Ao longo dessas ações utilizei os seguintes procedimentos: caderno de criação, escrita performativa, laboratórios de criação corporal, leituras, levantamento de materiais, pesquisa de documentos (escrito, oral, visual e sonoro), entrevistas semi-estruturadas e cartografias.

Como referencial de estudo e inspiração para o curso da pesquisa e da obra resultante, estive bastante atenta aos meus pares, pesquisadores e artistas que estão também interessados em pensar os trânsitos entre dança e design, entre corpo e imagem, do fazer-pensar livro de artista ou do livro como performance e sobre arte e maternagem.

Nesse sentido, opto por não separar práticas de estudos acadêmicos x estudos artísticos e cito, tudo junto e misturado, indivíduos de corpo coletivo, que foram inspiração para tudo isso: Regina José Galindo, Berna Reale, Amir Brito Cadôr, Daniela Guimarães, Paola Berenstein Jacques, Bell Hooks, Hélio Oiticica, Arthur Bispo do Rosário, Leonilson, Lygia Clark, Paulo Caldas, Paulo Bruscky, Sandra Bonomini, Jacques Derrida, Diana Taylor, Oyèrónké Oyèwùmí, Lia Krücken, Tiago P. Ribeiro, Tonlin Cheng, Marcelo Camargo, Lia Cunha JoCarla, Rafaela Kalaffa, Janahina Cavalcante, Coletiva Mãe Artista, Marta Mencarini e Tatiana Reis (Coletivo Matriz - DF), Malu Teodoro, entre tantas e tantos outros.

23 ORGANIZAÇÃO INICIAL DO INVENTARIADO: AÇÕES PARA MATERIALIDADES DE UM SOLO: 1. CORPO: CORPO-DANÇA, CORPO-IMAGEM E CORPO-MÃE; 2. LIVRO/PUBLICAÇÃO: LIVRO DE ARTISTA, DANÇA-LIVRO, CORPO-LIVRO; 3. ARTE E MATERNAGEM; 4. ESCRITA PERFORMATIVA - ESBOÇOS PARA UM MANIFESTO; 5. TÉCNICAS DE IMPRESSÃO E 6. MATERIALIDADES OU MATERIAIS.

3 2

# Inventariado: ações para materialidades de um solo

Dentro do **Inventariado**: ações para materialidades de um solo<sup>23</sup>, inicialmente propus seis ações/laboratórios, a serem desenvolvidas como processo investigativo e criativo para a materialização da obra performática resultante do processo do mestrado, a dança-livro-manifesto. Porém, ao longo do processo de pesquisa, acabei por modificar a organização dessas ações ou realizá-las de maneira simultânea. O que resultou na configuração de laboratórios e das ações de Residência artística e Conversa-encontro, acontecendo da seguinte maneira (ou contemplando como principais questões): 1- Debruçamento sobre materialidades ou materiais; 2-Investigações sobre Livro/ publicação de artista ou dança-livro/corpo-livro e 3-Possibilidades de Corpo: Corpo-dança, Corpo-imagem, Corpo-mãe e estudos sobre Arte e maternagem.

É interessante salientar que esta pesquisa é lançada a partir do mote das possíveis relações entre dança e design e nesse percurso acabei por encontrar a maternagem como possível “cola” para a materialização desse

mote-desejo. Então, quando começo a pensar sobre materialidades ou materiais, por exemplo, lanço como provocação: metáforas, imagens, gestos, movimentos e desejos a partir do universo da maternagem. A dança e o design são ferramentas para a concretização desses desejos e nesse casamento, acabo por elencar livro de artista – uma obra de arte de natureza movente, ou seja, uma obra de arte que “naturalmente” é criada para se deslocar e ser deslocada (claro, com suas devidas exceções).

Mas não só a materialidade Livro me interessa. Como fazer mover? Pergunta abrangente referente a mim e ao outro. Como uma obra de arte consegue mover a mim e ao outro? Na busca pelo movimento-corpo-imagem, dança-maternagem-design (ou artes visuais), um dos pontos que alcanço é a ideia de **abrigo**. Abrigo como casulo, como colo de mãe, como algo que protege, que veste, que acolhe, que acalenta, algo relativo à temporalidade e espaço.

O termo abrigo vem de abrigar (apricare), que significa resguardar dos rigores do tempo, proteger, pôr em lugar coberto; a ideia de abrigar equivale à de cobrir, de revestir de uma matéria para se proteger, de se esconder ou de se esquentar num interior. (...) Abrigar é criar um interior para nele entrar, é constituir uma delimitação entre exterior e interior. (Jacques, 2023, p.26).

Também começo a perceber que uma só “obra” não dará conta de externalizar os desejos, mas sim pedaços-obra, obras-fragmentos que se complementam e criam sentidos. Como uma bricolagem. Rememoro o termo bricolagem no sentido de trabalhar meu processo criativo fazendo o uso do acaso, improvisação, incompletude, precariedade, gambiarra e com a junção de fragmentos que darão sentido ao todo. E cito Paola Berenstein Jacques, quando nos diz que:

O acaso é parte integrante da ideia de bricolagem; é o incidente, ou seja, o pequeno acontecimento imprevisto, o “microevento”, que está na origem do movimento. Bricolar é, então, ricochetear, enviesar, ziguezaguear, contornar. O *bricoleur*, (...) jamais vai diretamente a um objetivo ou em direção à totalidade: ele age segundo uma prática fragmentária, dando voltas e contornos, numa atividade não planejada e empírica. A construção com pedaços de todas as proveniências, (...) do acaso, do lance de dados, uma arquitetura sem projeto. (Jacques, 2023, p.24).

Não tão ao acaso assim, mas jogando com ele, a escolha dos materiais que venho utilizando nos pedaços-obra estão diretamente ligados ao desejo de denúncia. A escolha pela temática da maternagem, é política. Meu fazer artístico é um fazer político, é um manifesto. É um fazer ativista.

Como ativista (artista-ativista), entendo que faço uso da “performance para intervir em contextos, lutas e debates políticos. A performance (...) é a continuação da política por outros meios” (Taylor, 2023, p.137) e o livro de artista falado, assim como os outros “pedaços-obra” resultante do processo do mestrado, está sendo criado como ação performática.

# Residência artística da Coletiva Mãe Artista (2023)

34

Ação de idealizar, realizar, coordenar e orientar uma residência artística voltada especialmente para mães artistas, não foi a minha primeira experiência. Em 2021, eu executei o projeto **Mãe-artista ou artista-mãe?** residência artística para mães artistas da dança, que aconteceu de maneira online, via LAB/PE. Essa primeira experiência rendeu diversos frutos, dentre eles o **1º seminário Conversas sobre Arte e Maternagens**; um website; a Exposição Virtual/ Mostra Artística **Mãe-artista ou Artista-mãe**, alocada no website; a fundação da **Coletiva Mãe Artista**, e ainda, meu filme de dança **Falta colo, mas colo eu tenho para dar** (2021).

A **2ª Residência Artística da Coletiva Mãe Artista**, aconteceu em maio de 2023, na escola de Dança da UFBA e no Centro Cultural Só Movimento, em Salvador/Ba. E para que fosse possível realizar essa ação, contei com o desejo, colaboração e participação das então integrantes da Coletiva Mãe Artista: Cecília Carvalho, Daiana Carvalho, Isa Flores, Janahina Cavalcante, JoCarla, Lucimar Cerqueira, Maíra Tukui, Milena Mariz, Rafaela Kalaffa.

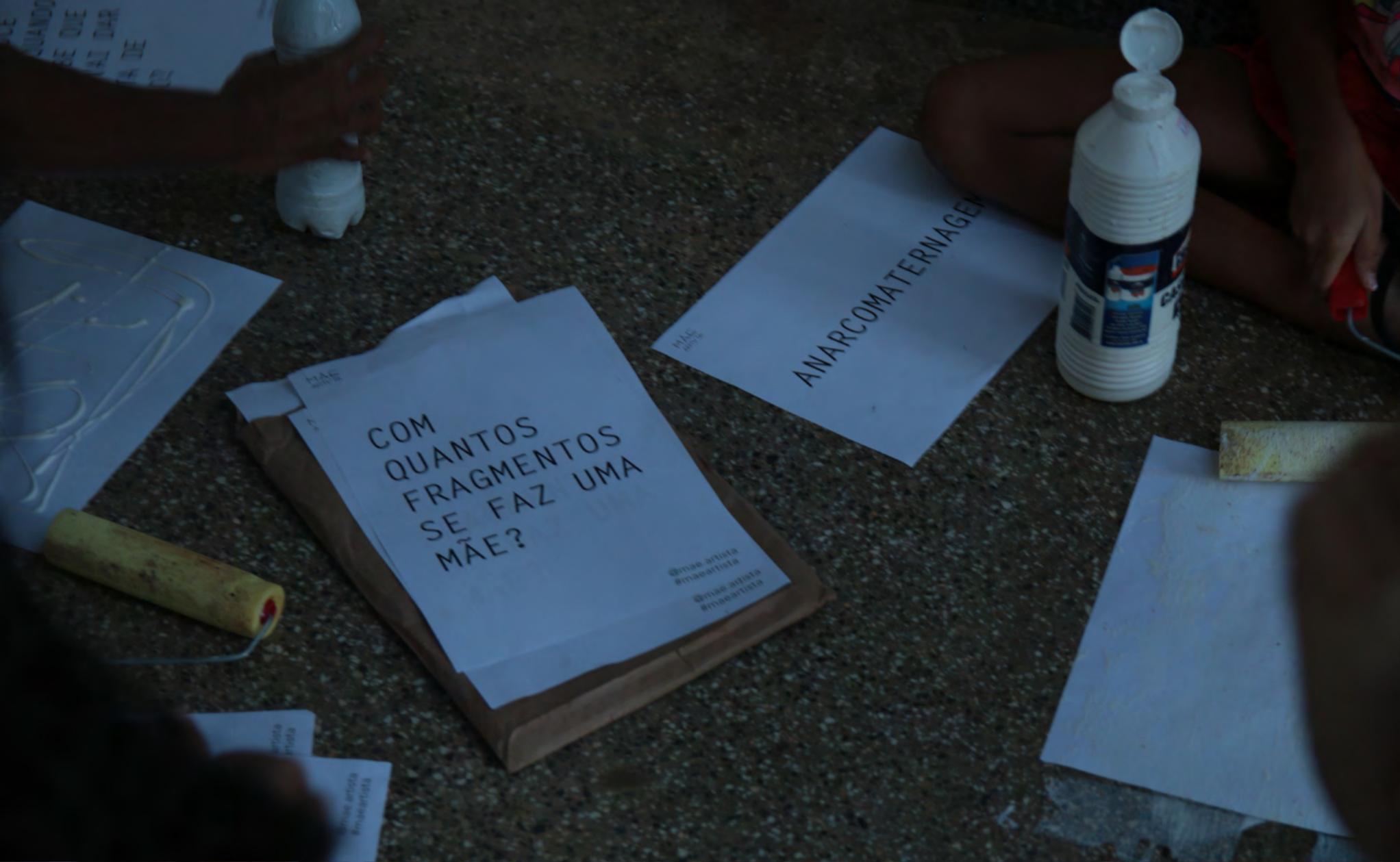
Na mesma época eu estava realizando o projeto artístico **Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas**

e estava cumprindo a etapa que consistia na realização do **2º seminário Conversas sobre Artes e Maternagens**, com a temática **"Mãe, deixe a peteca cair!"**. E como eu precisava cumprir com as ações do **Inventariado**, tive a ideia, conversando com Rafaela Kalaffa, de juntarmos os nossos simbólicos cachês como palestrantes e comprarmos as passagens para o deslocamento de todas as integrantes da Coletiva até Salvador. Assim, pela primeira vez, conseguimos que todas estivéssemos fisicamente juntas. Foi um fechamento de ciclo. Eu e Janahina Cavalcante nas produções delirantes, ampliamos as ações da residência e juntos com as outras integrantes da Coletiva realizamos também a **1ª exibição de vídeo e fotos performances da Coletiva Mãe Artista**, uma oficina para mães e crias e a ação de colagem de lambe a **Lambe Cria Cria Lambe**.





FOTOS REGISTRO DA 2ª RESIDÊNCIA ARTÍSTICA DA COLETIVA MÃE ARTISTA, NA ESCOLA DE DANÇA DA UFBA, SALVADOR/BA. (05 DE MAIO DE 2023).  
FOTÓGRAFO: TONLIN CHENG



FOTOS REGISTRO DA AÇÃO DE COLAGEM DE LAMBE-LAMBE: LAMBE CRIA CRIA LAMBE DA COLETIVA MÃE ARTISTA, EM SALVADOR/BA. (05 DE MAIO DE 2023).  
FOTÓGRAFO: TONLIN CHENG

A residência aconteceu ao longo de 3 dias consecutivos, onde pude (pudemos) aprofundar os estudos entre Arte e Maternagem, Corpo e Escrita performativa. Elegi subtemas para guiar cada dia. No 1º dia, a prática foi guiada pelo afeto e acolhimento. "O afeto é evolucionário". Estávamos felizes, mas exaustas, então considero que o primeiro dia da residência foi um grande abraço coletivo. Chega a ser uma "piada" (com muitas aspas) interna, falar que estávamos exaustas. Uma mãe, sempre exausta... Algumas haviam acabado de chegar de viagem, outras (como eu), estavam vivendo a residência junto com os filhos, outras estavam na correria cotidiana e o que tínhamos em comum era a exaustão e o desejo forte de um abraço.

Um dos exercícios que fizemos foi o de massagearmos umas às outras. Enquanto uma se deitava no centro, as demais tocavam todo o seu corpo, com carinho, ternura e cantigas. Ação que parece simples, mas a possibilidade de uma mulher mãe ser tocada, massageada, acarinhada é raro e revolucionário. Utilizo essa prática em minhas oficinas com mães e elas sempre saem maravilhadas, agradecidas e muitas vezes se emocionam e choram.

No 2ª dia, dentre outras ações, propus fazermos um mapa mental a partir da palavra: **MOVER** e das perguntas: O que faz mover? O que (te) faz mover? O que (me) faz mover? Como você faz mover o outro? Você deixa o outro te mover? Questionamentos que têm percorrido a minha trajetória no mestrado. Além do mapa mental, cada uma também escreveu textos individuais a partir destes questionamentos.

Em todos os dias eu propus algum tipo de escrita e no 3º dia, eu sugeri que cada uma criasse um "Tutorial para começar a mover", além de realizarmos escritas performativas e criarmos células para posteriormente apresentarmos umas para as outras.

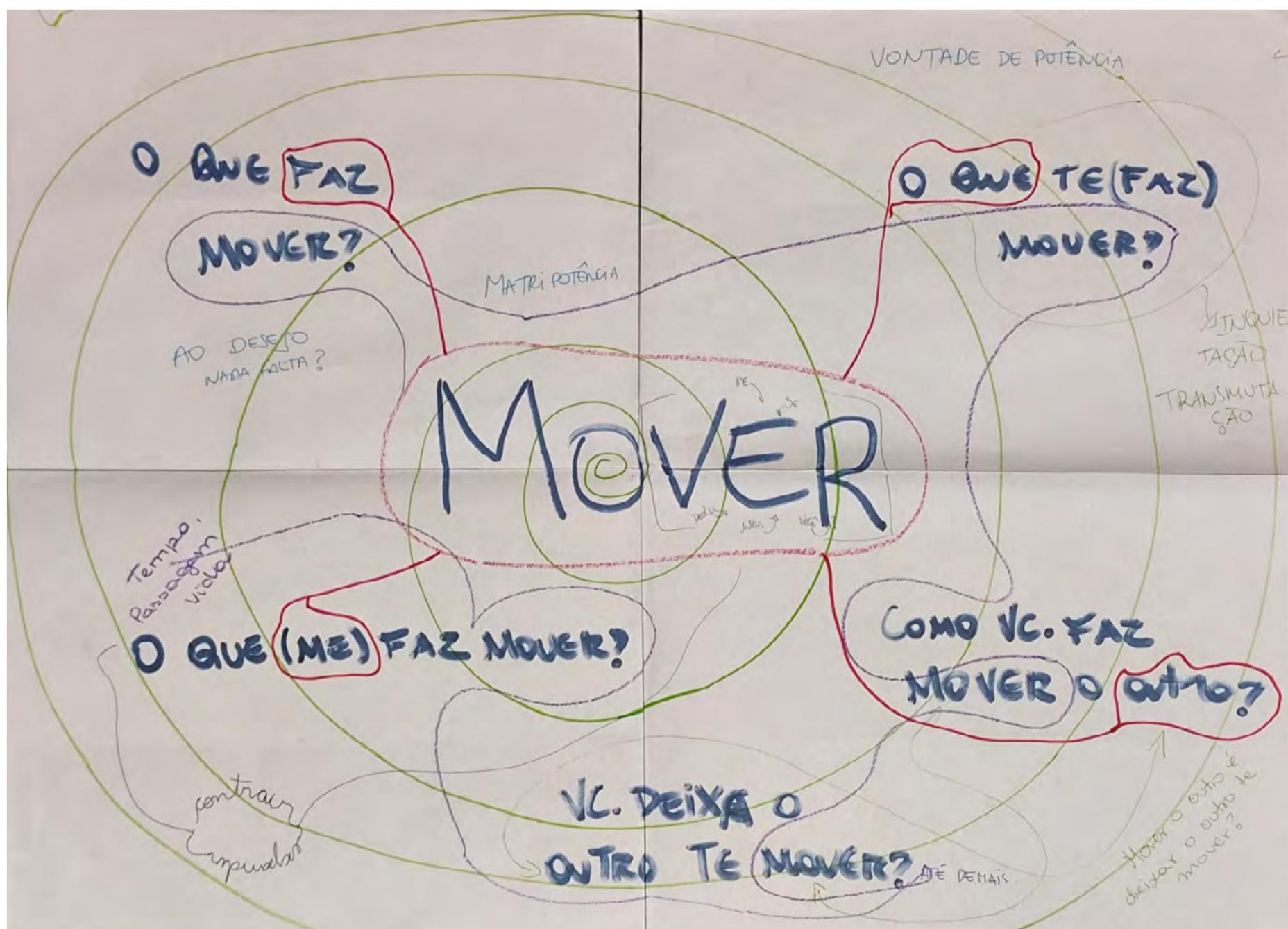


Fig. Mapa mental construído como processo investigativo durante a 2ª residência artística da Coletiva Mãe Artista, em Salvador, em maio de 2023.

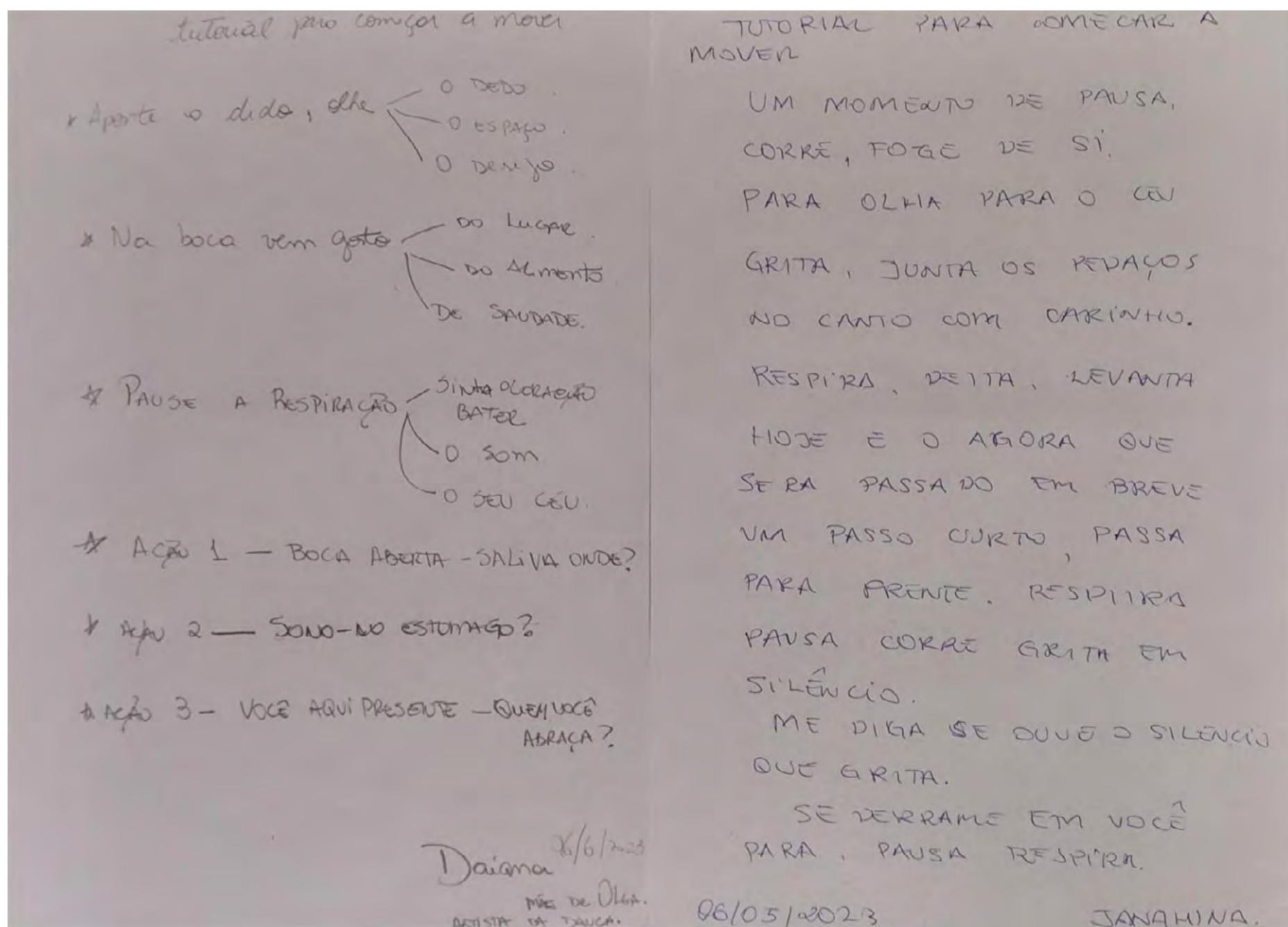


Fig. Tutoriais criados por Daiana Carvalho e Janahina Cavalcante.

REQUEBRAR, OLHAR NO  
ESPELHO, VER SE VÊ.

MOVER - MO-VI-MEN-TO.  
MOVER JUNTAS.

*CORRE, CORRE.*

O tempo passa, mas o dilatado é  
o tempo infantil.

Me apetece – aquece / aquece.

Em meio aos gritos – espirros.

Tropeços – tropeço em lego

e demais brinquedos, que

insistem em

espalhar – espalhar bem no meio

da sala.

**CALMA, RESPIRA!**

Dá tempo, dará tempo.

Corre.

Move.

movência.

ATO DE MOVER-SE

JUNTAS.

# Conversa- encontro

Com o intuito de aprofundar e trocar conhecimento sobre materialidades, materiais, técnicas de impressão e publicação de artista, convidei os artistas e pesquisadores convidados, Tiago Pinto Ribeiro (Ti.PI.RI), Diane Portela e Léo Vieira, referências em técnicas de impressão, design gráfico, artes visuais, publicação e publicação de artista, na cidade de Salvador/BA, para uma conversa-encontro, que aconteceu no dia 02 de maio de 2023, na Escola de Belas Artes da UFBA.

A conversa-encontro foi guiada pelas seguintes reflexões: *O que te provoca a criar? O que você entende por material e por materialidade? O que é um livro? O que é publicação? O que é livro de artista? O que (te) faz mover? O que faz mover? Como você faz mover o outro?*

Na ocasião apresentei o meu processo de pesquisa e criação em andamento e a partir disso, recebi retorno e orientação de caminhos para atingir os objetivos da pesquisa, principalmente sobre o universo da publicação/livro de artista, mas também permeando sobre o entendimento de técnicas de impressão, materiais e materialidades.

Compartilhei com o grupo minha grande questão: a de provocar incômodo, a de fazer com que o espectador saia do lugar comumente "confortável" e passivo que está acostumado a operar. E que a materialidade da publicação de artista que tenho desenvolvido é com "o que está à mão", ou com o que emerge da minha relação corpo-mãe-cria: materiais garimpados em conjunto com Ernesto (meu filho). Tendo a

fita crepe, como meu objeto coringa, como lugar de pele, de ligação entre coisas/mundos, um ponto central da investigação e impulsionador, que segue mobilizando, dando contorno, conectando, remendando, construindo pontes, movimentando as minhas criações artísticas e o meu maternar.

Ao compartilhar meu entendimento acerca da noção de precariedade, gambiarra e o uso da fita crepe, Léo Vieira, compartilhou que para ele a palavra não seria precariedade, mas sim a noção de gambiarra como um "gesto de ateliê", como por exemplo, tirar proveito do defeito ou lidar com as mudanças de desejos ou intenção e desviar do plano inicial.

Outro valioso aprendizado foi o compartilhamento de Tiago Ribeiro, onde ele diz que "o livro mais simples que seja, por si só, ele já pressupõe a relação com o leitor", também nos falou que "o livro físico sempre tem relação com o corpo (com o outro)". A partir de Ribeiro, compreendi que o livro que tenho performado é um "livro falado".



Imagem da Conversa-encontro para o Inventariado: ações para materialidades de um solo, de Iara Sales com Diane Portela, Léo Vieira e Tiago Pinto Ribeiro (TI.PI.RI) - Escola de Belas Artes da UFBA (Salvador/BA), 2023. Fonte/Fotografia: Tiago Pinto Ribeiro (TI.PI.RI).

Ti.PI.RI e Diane, me presentearam com as seguintes respostas, aos meus questionamentos:

**Por Diane Portela:**

*O que (me) faz mover?*

**A palavra.**

*O que faz mover?*

**Os sentidos me movem.**

**Mesmo que seja a palavra sentido.  
Ou todos eles. Ou mesmo nenhum.**

*Como você faz mover o outro?*

**Com a minha Presença,**

**Com meu olhar,**

**Com meu Toque,**

**Com meu gosto,**

**Com minha palavra,**

**Com meu cheiro.**

*Você deixa o outro te mover?*

**Sim, com sua presença, me deixo mover. Com seu olhar, me deixo mover. Com o toque e o paladar, me deixo mover. Se escuto a sua palavra, posso me deixar mover. O cheiro do outro me move.**

**Por Tiago Pinto Ribeiro (Ti.PI.RI):**

*O que te provoca a criar?*

**Uma nova possibilidade.**

*O que você entende por material e por materialidade?*

**Material é a pele,**

**materialidade é o corpo.**

*O que é um livro? O que é publicação? O que é livro de artista?*

**Livro é uma caixa de histórias.  
Publicação é o livro que ficou pronto. Todo livro é de artista.**

*O que (te) faz mover?*

**Uma pulga atrás de minha orelha.**

*O que faz mover?*

**Uma pulga atrás da orelha da humanidade.**

*Como você faz mover o outro?*

**Empresto meus olhos, abro meu livro, jogo doces pelo caminho, abro meu peito e boto ele lá dentro.**

# DANÇA

=  
+  
≠

# DESIGN

Como  
**PROCEDIMENTO  
METODOLÓGICO  
DE INVESTIGAÇÃO**

## Inventariado:

ações para materialidades de um solo

Proposta inicial:

**1.** **Corpo:**  
Corpo-dança,  
Corpo-imagem  
e Corpo-mãe

**2.** **Livro/publicação:**  
livro de artista,  
dança-livro,  
corpo-livro

**3.** **Arte e  
maternagem**

**4.** **Escrita  
performativa:**  
esboços para  
um manifesto

**5.** **Técnicas de  
impressão**

**6.** **Materialidades  
ou materiais**

**Adaptação** ao longo do processo  
de pesquisa, com a realização das  
**AÇÕES** de maneira concomitante

**1.** Debruçamento  
sobre materialidades  
ou materiais

**2.** Investigações sobre  
Livro/ publicação de artista  
ou dança-livro/corpo-livro

**3.** **Possibilidades de Corpo:**  
Corpo-dança, Corpo-imagem,  
Corpo-mãe e estudos sobre  
Arte e maternagem.



- 01- Grito;
- 02 - Dança Caseira;
- 03 - Audio-dança "Tutorial para começar a mover";
- 04 - Eu não estou aqui! Estou?;
- 05 - Pequeno manifesto coletivo;
- 06 - Dança-livro (livro de artista falado / performado);
- 07 - Divinas tetas e
- 08 - Colo

# PRODUÇÃO 4. ARTÍSTICA

45

## Coreo- grafia: corpo e imagem

A pesquisa **Que (me) faça mover**: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem, suas investigações e consequente produção artística – obra resultante – baseiam-se, primeiramente, no entendimento da noção de coreografia e da relação entre corpo e imagem, sendo este corpo um corpo-mãe artista.

Entendo coreografia não apenas no sentido corriqueiro onde coreo = dança e "grafia" = escrita ou desenho, ou "a escrita da dança", ou como uma "prefiguração de movimentos de dança" (Caldas, 2017, p. 24). Concorro quando Paulo Caldas diz que é equivocado limitar "o significado de coreografia estritamente à dança: coreografia não é (só) dança." (Caldas, 2017, p. 33). Caldas ainda nos explica que:

A coreografia pode ser imaginada, lembrada, descrita, anotada, notada, grafada, fotografada ou filmada de infinitos modos por infinitas vezes, performada de infinitos modos por infinitas vezes, mas ela não é nem imaginação, nem lembrança, nem descrição, nem anotação, nem notação, nem desenho, nem fotografia, nem filme, nem plenamente performance — ainda que, sem me contradizer, paradoxalmente seja plenamente cada uma de todas as performances que dela se fizer. A coreografia — assim parece — se configura como uma proposição maquínica, um mais ou menos complexo diagrama imaterial inseparável de suas atualizações efêmeras na materialidade performativa, singular e, acréscimo, improvisacional dos corpos (Caldas, 2017, p. 34-35).

E ainda continuo a corroborar com o autor, quando ele enuncia que, "a coreografia se afirma como uma máquina virtual que se atualiza em diferença, aberta a modulações de corpos ocupados com a efetuação de um projeto estético-político comum." (Caldas, 2017, p. 36). E, a partir disso, ainda com base no pensamento de Caldas, aqui entendo coreografia como um fazer-mover simultaneamente ético, estético e político do corpo e da imagem.

Pensando entre a coreografia do corpo e da imagem, passo a investigar a coreografia como performance, principalmente pelo viés político ou fazer-artivista, que busco implicar minhas criações.

Taylor nos fala que "a performance é um fazer. Uma coisa feita para e com o espectador", eu acrescento que a performance é um acontecimento e cito Derrida quando ele fala que:

Um acontecimento é o que vem; a vinda do outro como acontecimento só é um acontecimento digno desse nome, isto é, um acontecimento disruptivo, inaugural, singular, na medida em que precisamente não o vemos vir. Um acontecimento que antecipamos, que vemos vir, que pré-vemos, não é um acontecimento: em todo caso, é um acontecimento cuja acontecimentalidade é neutralizada, precisamente, amortecida, detida pela antecipação. (Derrida, 2012, p.70)

Resolvi começar a desenhar, ilustrar quase no final da minha graduação em Dança, esta ação foi o que conseqüentemente me levou a me tornar designer. Naquele momento percebi que desenhar era coreografar sobre o papel (ou outras materialidades). Sempre afirmei que foi a minha graduação na escola de Dança da UFBA, que me fez acreditar que eu poderia desenhar, acreditar que eu poderia ter meu próprio traço e criar em desenho, como já criava em dança, como um acontecimento.

Meu fazer coreográfico criativo acontece a partir do uso do acaso, da improvisação, de metáforas, a partir do uso de imagens como gatilhos criativos e na criação de imagens como possibilidade de cena. Percebo minha prática artística profissional corroborada neste gatilho, do acontecimento e cito novamente Derrida, quando ele fala da relação do acontecimento e do desenho:

A questão de que tratamos até aqui, "ver e pensar, pensar-ver, ver-pensar", é portanto, primeiramente, a questão do acontecimento, da experiência do acontecimento, e do que é o desenho, a relação entre o desenho e o acontecimento. Que relação, pode ter o desenho com o que acontece? Ou com quem chega? O que no desenho pode dar conta dessa irrupção imprevisível do que (de quem) acontece/chega? O desenhista é alguém [...] que vê vir, que pré-desenha, que trabalha o traço, que calcula etc., mas o momento em que isso traça, o movimento em que o desenho inventa, em que ele se inventa, é um movimento em que o desenhista é de algum modo cego, em que ele não vê, ele não vê vir, ele é surpreendido pelo próprio traço que ele trilha, pela trilha do traço, ele está cego. É um grande vidente, ou mesmo um visionário que, enquanto desenha, se seu desenho constitui acontecimento, está cego". (Derrida, 2012, p.71)

O corpo que aqui exalto, é o corpo-mãe, um corpo remendado por fita crepe, que é pele, que é corpo, que é marca, cicatriz, texturas e camadas e meu performar, é um performar materno.

Um corpo-casa. Casa mundo. Como compor um corpo-mundo? Um corporatário? O que fazer com a ausência? Como compor um corpo-jogo que preencha os espaços vazios? O que me mantém em contorno? Para onde levo a nossa casa, quando não estou em casa? Até um corpo parado está em movimento! (?)

# Textos Coletiva Mãe Artista

Convidei as integrantes da então Coletiva Mãe Artista a escreverem textos, em formato livre, a partir das temáticas abordadas no 1º e 2º seminário “Conversas sobre Arte e Maternagens - 2021 e 2023” (que teve as integrantes da Coletiva como palestrantes e ou mediadoras), para a criação de mais um “capítulo” porvir, ou pedaço-obra da minha Dança-exposição manifesto. A boneca que está sendo pensada para esse capítulo é como uma carta “infinita” que abre e se desdobra como um pergaminho. Todas juntas, num só texto, como um coro. Como um grito coletivo.

Porém, este “capítulo”, com os textos da Coletiva Mãe Artista, ainda é um apanhado – um material coletado para o futuro. Quem sabe para a produção de um e-book. Seguem os textos criados:

<https://drive.google.com/drive/folders/1dpccqD04Xh1VfksHWKsW3ASD-Og4VZQQ?usp=sharing>

# Obra re- sultante: Dança- exposição Pequeno Manual de sobre- vivência para Mães Artistas (2024)

# 421

EFETIVAMENTE ESSA OBRA JÁ FOI ESTREADA!

O colega e professor, Lucas Valentim<sup>24</sup>, me perguntou "Por que Pequeno?", respondo: Porque está no lugar do sensível. Pequeno, como meu pequeno bebê, meu menino, pequenino. Que cabe no colo, apesar de sua imensidão ser tão tamanha que transborda. Pequeno como sinônimo de íntimo. Pequeno porque não trago verdades, trago convite para construirmos esse "manual-manifesto" em coletivo, em comunidade, de forma circular. Pequeno porque primeiramente era somente um esboço - rascunhos - garatuja que cresceram, se expandiram e entre contrações (umas dolorosas, outras prazerosas) nasceu!

48

Pari - E esse parto é coletivo. É como uma voz que grita e ecoa em coletivo. Nada disso teria nascido, se não tivesse sido gestado numa "orgia", na mistura de crenças, verdades, desejos, afetos, alegrias, tristezas etc, etc, etc. Pequeno sim, porque cabe no bolso, no bolso da camisa sob(re) o coração. Pequeno porque é uma obra em eterno processo. Eterna construção. Dia-a-dia. Fruto do vivenciar cotidiano e autobiográfico e coletivo biográfico.

A obra resultante da pesquisa de mestrado e da pesquisa artística, a Dança-exposição **Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas**, acontece no trânsito entre dança-performance-artes visuais-design - livro de artista e maternagem e sua materialização é ativada a partir do que chamo de pedaços-obra. Ao todo oito (08) pedaços-obra compõem o todo. Esses pedaços, podem ser ativados individualmente (ou não) e o entrecruzamento deles forma a obra, Dança-exposição em si.

Efetivamente as obras foram criadas permeando suportes que contemplam as linguagens da Dança, da Performance, das Artes Visuais, do Design, do Livro de artista. A maternagem é ativada como temática das obras, é o mote, é ativismo, é escolha política.

Para apreciação da obra resultante e seus pedaços-obras intitulados de: 01- Grito; 02 - Dança Caseira; 03 - Audio-dança "Tutorial para começar a mover"; 04 - Eu não estou aqui! Estou?; 05 - Pequeno manifesto coletivo; 06 - Dança-livro (livro de artista falado / performado); 07 - Divinas tetas e 08 - Colo, acesse:

<sup>24</sup>[HTTP://LATTES.CNPQ.  
BR/3160681633799107](http://lattes.cnpq.br/3160681633799107)

[https://drive.google.com/drive/folders/1yEE3Bkm2zmSkKYHCTvFY\\_dXzS9RjIGMm?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1yEE3Bkm2zmSkKYHCTvFY_dXzS9RjIGMm?usp=sharing)

# Dança- exposição- manifesto

A concatenação desta pesquisa é a criação de uma Dança-exposição manifesto, a obra Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas, tendo como dramaturgia uma superestrutura de afetações construídas num fluxo de interdependências, onde 8 pedaços-obra são na verdade um só. O tema no qual a obra se debruça é atrelado indissociavelmente ao conceito de pluralidade, portanto, idealizar uma performance amplificando a já imanente condição porosa atrelada a este conceito, apresenta-se como estratégia coreográfica para executar uma dança de corpo coletivo.

A dramaturgia das ações/mídia (dança-exposição-manifesto) é um convite para mover, dançar e refletir criticamente sobre a condição da artista mãe da dança, no desejo que consequentemente proporcione ao espectador a possibilidade de também performar com a obra. Partindo do mote inicial, do trânsito entre dança, design e maternagem, chega-se aos estudos sobre livro de artista e reflexões sobre o cancelamento das mães artistas pelo sistema capitalista, tensionando a relação trabalhista destas artistas junto ao patriarcado.

A Dança-exposição edifica-se a partir de investigações teórico/prática desenvolvidas durante os processos de pesquisa do mestrado, do projeto artístico **Pequeno Manual de sobrevivência para Mães Artistas** e individualmente, quando localizo na minha própria condição de mãe os principais gatilhos que impulsionam o desejo em criar uma dança manifesto.

A solidão materna e os embargos sociais ao corpo-mãe são questões que se desenvolveram no processo investigativo, trazendo a pergunta: O que, onde e como um corpo-mãe é autorizado a dançar? Questão que avança no processo de investigação, multiplicando desdobramentos que traçam caminhos convergentes ao entendimento de que a maternidade e suas implicações se trata de tema impossibilitado de ser abarcado por apenas uma narrativa.

A escolha por coreografar ações/mídia se dá pelo entendimento de que "ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva." (Ribeiro, 2017, p.39). Na esteira do pensamento de Djamilia Ribeiro, a obra objetiva a estruturação de uma coreografia em processo e múltipla, escrita a partir de uma possibilidade outra de comunidade, que busca o tensionamento das normas condicionantes instituídas ao estabelecimento de uma dança. Tal procedimento é deliberadamente tomado como princípio norteador da obra com intuito de possibilitar pontos de inflexão frente ao sistema capitalista e as condutas estabelecidas inerentes a ele, pautado na exclusão de corpos "improdutivos" e fetichização da individualidade.

Os caminhos investigativos trilhados perpassam por questões referentes à condição de profissional autônoma que atua no contexto de lógica do pensamento neoliberal. Essa lógica requer a intensificação do trabalho laboral, de esforço físico e mental, necessariamente exaustivo. Uma mãe artista, trabalha 24 horas e 7 dias na semana, sem direito a férias, sem nenhuma seguridade social, sem nenhum direito trabalhista. Tal situação ganha proporções colossais e ainda mais evidentes, quando da maternidade. Perceber na pele uma política do "cancelamento" induzida pela práxis do sistema capitalista, se performa algo como uma equação: se não produzo, não existo = se não produzo, não sou artista.

Portanto, a obra performática edifica-se em memórias autobiográficas e coletiva biográfica e está estruturada como uma dança-exposição-manifesto, que emerge como casamento dramatúrgico das "partes de si mesma", possibilitando a percepção dos atravessamentos e afetações mútuas pretendidas.

**O que eu faço com tudo isso? Esse percurso me fez querer mais e mais. Meu maior desejo é criar, investigar, pesquisar. E, enquanto houver vida, o desejo é continuar esse caminho. Quem sabe um doutorado... Será que já existe um doutorado interdisciplinar em artes?**

# Referências

CADÔR, A. **Ainda**: o livro como performance. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2014.

\_\_\_\_\_. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

CALDAS, P. Coreo | Grafia. In: Xavier, J; Instituto Festival de Dança de Joinville (org.). **Seminários de dança**: Dança não é (só) coreografia. 10.ed. Joinville: Instituto Festival de Dança de Joinville, 2017. p. 22-40. E-book.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Org. GINETTE Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

HANISCH, Carol. **O pessoal é político**. 1969. Disponível em [https://www.academia.edu/40288586/O\\_Pessoal\\_%C3%A9\\_Pol%C3%ADtico\\_por\\_Carol\\_Hanisch](https://www.academia.edu/40288586/O_Pessoal_%C3%A9_Pol%C3%ADtico_por_Carol_Hanisch). Acesso em: 19 mar. 2025.

JACQUES, Paola B. **Estética da ginga**: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2023.

KRÜCKEN, L. Considerar o gesto. In: Urbanidades (org.). **Gestos artísticos em tempos de crise**. Salvador: Dunas, 2020. p 40-42. Livro eletrônico.

LARROSA, Jorge B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad.: João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação, n.19, jan./fev./mar./abr. 2002.

MARQUES, Roberta Ramos. Léxicos, visualidades e corporeidades da teimosia, da gambiarra e da precariedade em "PEBA". In: **Trânsitos: Brasil e América Latina**: V Diálogos Internacionais em Artes Visuais - Encontro Regional da ANPAP/NE, Recife(PE): Ago. 2016. Anais [recurso eletrônico] / Luciana Borre Nunes (Orgs.)... [et al] ; Programa Associado de Pós graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. – Recife: Editora UFPE, 2016. p.362.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SALES, I. **Mãe-artista ou Artista-mãe?**, 2021. Disponível em: <https://maeartistadanca.46graus.com/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Taylor, D. **Performance**. trad. Margarida Goldszajn. São Paulo: Perspectiva, 2023.